



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB**

**Nas redes e na literatura:**  
internet e autoficção em “Delegado Tobias”, de Ricardo Lísias

Bruna Santos Pereira

Brasília,  
2019

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**Nas redes e na literatura:**

internet e autoficção em “Delegado Tobias”, de Ricardo Lísias

Bruna Santos Pereira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura, na linha de pesquisa Representação Literária.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Luís Nunes da Mata

Brasília,  
2019

Bruna Santos Pereira

**Nas redes e na literatura:**  
internet e autoficção em “Delegado Tobias”, de Ricardo Lísias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura, na linha de pesquisa Representação Literária.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Anderson Luís Nunes da Mata UnB  
(Orientador e Presidente)

---

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano UNILAB  
(Membro Externo)

---

Profa. Dra. Patrícia Trindade Nakagome UnB  
(Membro Interno)

---

Prof. Dr. Pedro Mandagará UnB – Suplente  
(Membro Suplente)

Aprovado em 26 de agosto de 2019.

## AGRADECIMENTOS

Desde muito cedo aprendi a importância de agradecer. Agradeço, então:

À todas e todos que vieram antes de mim abrindo espaço na estrada;

À minha família: minhas avós, Dalziza (*em memória*) e Maria das Dores; à minha mãe, Ana Carla; ao meu pai, Francisco, e aos meus irmãos, Matheus, Caio e Mariana. Honro e amo vocês. Obrigada por tudo.

Ao Tata Francisco Ngunzeta pelo cuidado, carinho e orientação como um pai faz com uma filha.

À minha dinda, Elaine Quirino Kawajinan, por todo colo, afago, risadas, choros, idas a eventos acadêmicos e ensinamentos.

Aos meus amigos e amigas, que me apoiaram em todos os momentos e de várias formas.

Ao meu querido orientador e professor, Anderson Luís Nunes da Mata, pela doce supervisão e por seu olhar tão humano e amoroso. Agradeço por acreditar em mim e também por me apoiar quando mais precisei. O mundo é melhor porque você está nele, acredite.

Ao professor Cláudio Braga pelo importante papel na minha formação acadêmica e à professora Regina Dalcastagnè pelo carinho, pelos abraços e coraçõezinhos verdes.

Aos amigos que a pós-graduação me deu de presente: Dalva Martins, Cristiane Umbelino, Gleiser Valério e Pedro Ivo. Vocês fizeram meu caminho ser muito melhor e mais divertido. Aqui agradeço especialmente a Anderson Matias pela parceria. Tem muito de você, amigo, em cada pedacinho desse trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos no segundo ano do curso de mestrado.

Ao Daniel pelos bons momentos que me proporcionou e pelas piadas divertidas.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço ao Sagrado e ao povo de minha banda. Tudo isso já era de vocês antes de ser meu.

*Ao Senhor da comunicação e do movimento, que matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje e aos seus mensageiros — Senhores e Senhoras dos meus caminhos.*

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a relação da obra de autoficção *Delegado Tobias* (2014), de Ricardo Lísias, com o espaço cibernético. Tendo em vista que é uma coleção de ebooks, a publicação desse romance policial aconteceu em suporte digital. Assim, o formato em rede a partir do qual foi produzido será analisado. Parte-se da premissa de que nesse espaço cibernético, a produção e a recepção de obras literárias interferem na configuração do campo literário. Busca refletir também a respeito das particularidades do processo de recepção literária dessa obra, apontando as conexões do leitor com o livro e com a internet. Para tanto, serão considerados os conceitos de autoficção, espaço cibernético, internet, redes sociais, exposição do eu, vida literária e fictício, real e imaginário.

**Palavras-chave:** *Delegado Tobias*; autoficção; espaço cibernético; recepção

## ABSTRACT

This research has as its aim the analysis of the relationship between the work of autofiction Delegado Tobias (2014), by Ricardo Lísias with cyberspace. Considering that it is a collection of e-books, the publication of this detective novel occurred in digital form. Therefore, the digital format in which it was produced will be analyzed. The analysis starts from the premise that inside this cyberspace the production and the reception of literary works interfere with the literary field. It also seeks to reflect about the particularities of the literary reception process of this work, pointing at the connections between the reader and the book and with the internet. In order to do that, the concepts of autofiction, cyberspace, internet, social media, self-exposure, literary life and fictive, real and imaginary will be considered.

**Key words:** *Delegado Tobias*; autofiction; cyberspace; reception theory.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I</b> .....	11
1.1 Sociedade, Internet e Redes.....	11
1.2 Internet e Literatura.....	19
1.3 Vida Literária na Internet: Ricardo Lísias e Outros Escritores.....	22
<b>CAPÍTULO II</b> .....	35
2.1 Literatura e Autoficção.....	35
2.2 <i>Delegado Tobias</i> .....	38
<b>CAPÍTULO III</b> .....	47
3.1 Os Vazios em <i>Delegado Tobias</i> : Iser e a Leitura Colaborativa da Obra.....	47
3.2 Ficcionalização e Redes.....	55
3.3 <i>Delegado Tobias</i> : Outros Questionamentos.....	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	62
<b>ANEXOS</b> .....	67



## INTRODUÇÃO

Literatura poderia ser sinônimo de um ato de total conexão. Conectar informações, conceitos e conhecimentos é criar redes. A rede desta pesquisa começou a ser criada a partir de uma aula de Crítica Literária na Universidade de Brasília, em 2014. O professor da disciplina, Igor Ximenes Graciano, explicou sobre um gênero literário chamado autoficção e contou a história do livro intitulado *Divórcio*, do autor Ricardo Lísias. Naquele momento, minha rede havia encontrado seu primeiro ponto de conexão: literatura brasileira contemporânea e autoficção.

Alguns meses após essa aula, li em um site de notícias que um autor havia sido denunciado por falsificação de documentos em uma obra literária na qual ele mesmo morria. Ao clicar no link, o nome que já havia me chamado a atenção apareceu novamente. Ricardo Lísias com o romance policial *Delegado Tobias*, publicado em formato digital, foi o segundo ponto de conexão da rede.

Por fim, a denúncia feita por leitores através das redes sociais foi o terceiro ponto das conexões. A partir dessas inquietações, então, surgiu a rede de pesquisa aqui apresentada.

Com os avanços tecnológicos e a crescente expansão do acesso à internet, as informações circulam com mais rapidez e alcançam cada vez mais pessoas. As redes sociais facilitam a interação com todo tipo de conteúdo que é postado ou de alguma forma suportado pelo meio digital, como os *e-books*.

A ligação da literatura com esse formato em rede já existia muito antes da internet. No século XIX, a rede da literatura se apresentava a partir das publicações em meio impressos e das conexões da vida literária dos autores, que passou a ter relevância no contexto daquele momento. No século XX, a vida privada dos autores ganhou mais espaço no cenário literário, até que no século XXI, os próprios autores se colocam dentro do meio digital, conectando suas vidas nas esferas privada, pública e profissional, com a literária. Uma descrição tão simplificada não dá conta das transformações na relação entre autoria, vida literária e literatura, mas, ao longo do trabalho essas relações são mais explicadas levando em consideração não apenas os pontos mais relevantes da ligação literatura com o formato em rede para essa pesquisa.

Assim, é importante refletir as relações que se estabelecem entre a literatura, campo literário e o espaço cibernético.

A autoficção é um gênero literário que também permite redes de conexão tanto formadas pelo autor quanto pelo leitor. Desde a possibilidade de autor e personagem terem os mesmos nomes até os formatos de texto apresentados em modelos de leitura não tão tradicionais, por exemplo, textos fragmentados ao longo de uma obra, que é o caso de *Delegado Tobias*.

A conexão da autoficção com o suporte digital e a interação do leitor com o texto (gerando, inclusive, uma denúncia contra o próprio autor, Ricardo Lísias) fazem de *Delegado Tobias* uma obra interessante para ser analisada. O objetivo dessa pesquisa constitui-se em discutir todos os pontos acima apresentados, além de refletir o processo de recepção da obra e suas particularidades.

Para conectar as discussões, este texto foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata do espaço cibernético, da internet - incluindo as redes sociais - e das possibilidades de suporte que o meio digital fornece. Além disso, é abordada também a relação entre a internet e a literatura, assim como a vida literária de Ricardo Lísias e outros autores que utilizam a internet como um espaço concreto. Manuel Castells, Pierre Lévy, Paula Sibilia e Brito Broca são autores utilizados para o embasamento dessa parte.

O segundo capítulo tem como objetivo reunir algumas definições de autoficção e apresentar a análise de *Delegado Tobias* quanto à narrativa e questões relativas à obra no geral. Dessa forma, os principais autores utilizados nessa discussão são Serge Doubrovsky, Philippe Gasparini, Luciene Azevedo e Pedro Ivo Macedo.

Por fim, o terceiro capítulo busca apresentar a discussão da recepção da obra e analisa, também, se *Delegado Tobias* desperta uma forma distinta de perceber o texto literário. Assim, os conceitos de Wolfgang Iser sobre interação, lugares vazios e fictício, real e imaginário são considerados para pensar as questões propostas nessas páginas.

É nessa tentativa de mostrar que há conexões entre literatura, autoficção, mundo digital, leitores e tecnologia que a rede deste trabalho se entrecruza.

## CAPÍTULO I

### 1.1 Sociedade, Internet e Redes

Em *Sociedade em Rede* (2005), de Manuel Castells, são propostas discussões sobre a integração de sistemas de comunicação, as condições econômicas e políticas advindas com a invenção de um sistema que integra várias redes até o surgimento da Internet, e como esta influência na vivência do dia a dia em termos de espaço, tempo, fluxo e movimentação de informações.

Para Manuel Castells,

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital está tanto promovendo a integração global da produção e distribuições de palavras, sons e imagens de nossa cultura como os personalizando ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (CASTELLS, 2005, p.40)

De acordo com Castells, “a lógica do funcionamento de redes, cujo símbolo é a internet, tornou-se aplicável a todos os tipos de atividades, a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente.” (CASTELLS, 2005, p.89). Atualmente, a principal plataforma digital de acesso ao mundo cibernético é a Internet. Por meio dela, é possível conectar-se com vários lugares e pessoas de qualquer lugar do mundo, desde que haja uma conexão para que a troca de informações seja possível. Porém, mesmo sendo uma ferramenta de grande utilização, ainda há fatores que geram obstáculos ou impedem-na de ser acessível para todos.

A Internet não foi sempre tão presente no nosso dia a dia como é agora, e é importante lembrar-se desse ponto. Em sua criação e na forma como foi desenvolvida há processos históricos, motivações políticas e também o envolvimento de muitas pessoas para que se tornasse a grande rede que hoje ocupa vários espaços e, por isso, sua história será brevemente abordada. A Internet foi criada nos Estados Unidos

no ano de 1969 por meio da primeira rede de computadores chamada ARPANET<sup>1</sup>. A ARPANET foi desenvolvida pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento da Defesa dos Estados Unidos no momento em que, após o lançamento do *Sputnik*, novas estratégias de comunicações estavam sendo criadas. A intenção era criar um sistema de comunicação que não fosse vulnerável a ataques nucleares e Paul Baran desenvolveu esse conceito.

Com base na tecnologia de comunicação de troca de pacotes, o sistema tornava a rede independente de centro de comandos e controle, para que a mensagem procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido em qualquer ponto da rede. Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu o empacotamento de todos os tipos de mensagens, inclusive de som, imagens e dados, criou-se uma rede que era capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controles. A universalidade da linguagem digital e a pura lógica das redes do sistema de comunicação geraram as condições tecnológicas para a comunicação global horizontal. (CASTELLS, 2005, p.83)

A ARPANET tinha quatro nós em Universidades dos Estados Unidos. Não era uma rede totalmente fechada ao Departamento de Defesa, pois os cientistas dessas universidades que ajudaram no desenvolvimento da primeira rede das redes tinham acesso e começaram a utilizá-la para sua própria comunicação. Aos poucos, o acesso à ARPANET foi sendo liberado. Primeiro, para os cientistas de outras disciplinas, e isso causou uma divisão entre a ARPANET, que se tornou uma rede para fins científicos e, posteriormente, a MILNET, que era uma rede voltada apenas para a comunicação e fins militares, porém a ARPANET original ainda era a rede que sustentava as outras redes.

Em 1980, a rede passou a ser chamada de ARPA-INTERNET e logo em seguida teve seu nome reduzido apenas para INTERNET. Essa mesma ainda era mantida pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Entretanto, a ARPA havia se tornado obsoleta após 20 anos de sua criação, e então, em 1990, as atividades da primeira rede das redes foram encerradas.

---

<sup>1</sup> Há algumas divergências a respeito da data exata da criação da internet. Na data adotada para esse trabalho, Manuel Castells, em *Sociedade em rede*, usa o ano de 1969. Em outros estudos, como o de António Machuco Rosa, em *As origens históricas da internet: uma comparação com a origem dos meios clássicos de comunicação ponto a ponto* (2012), a criação da ARPANET data de 1969 (p.107), porém, também há registros no texto de sua iniciação em meados dos anos 60 (p.106).

Logo após, a NSFNET, que era operada pela *National Science Foundation*, assumiu a função de rede das redes, sustentando as redes já existentes. A partir desse ponto, na década de 90, o governo dos Estados Unidos começou a fazer acordos comerciais de privatização e parcerias com órgãos regulamentadores e de desenvolvimento de tecnologias para tornar o acesso à Internet mais fácil.

Ainda assim, mesmo com todos os avanços envolvidos, era difícil lidar com a Internet, visto que “a capacidade de transmissão de gráficos era muito limitada, e era difícil localizar e receber informações.” (CASTELLS, 2005, p.87). Então, foi criado na Europa, pelo Centro *Europeén pour la Recherche Nucléaire* (CERN), um aplicativo que conseguia organizar o conteúdo dos sites da Internet por informação, e não por localização, como acontecia antes, facilitando aos usuários a procura pelas informações desejadas. Esse aplicativo é o WWW (*World Wide Web*), também conhecido como a teia mundial. Após ajustes e adaptações, o CERN distribuiu o software WWW gratuitamente pela Internet. Em 1992, Marc Andreessen criou o navegador da *Web Mosaic* para dar à Web uma face gráfica. Depois de utilizado em alguns computadores pessoais, Andreessen e sua equipe juntaram-se a um empresário do Vale do Silício e criaram o primeiro navegador confiável da internet, baseado no Mosaic: o *Netscape Navigator*.

Daí em diante, as evoluções não pararam de acontecer e seguem ocorrendo. Com o passar do tempo e a melhoria nas tecnologias de transmissão de dados, esse sistema hoje atinge grande parte da população mundial, sendo também um grande espaço de integração de redes de comunicação.

A Internet nos dias de hoje tem formatos distintos de quando Castells escreveu seu livro. O sociólogo foi um visionário ao tratar do mundo cibernético, trouxe um estudo aprofundado não apenas da parte teórica, mas também sobre como as relações do mundo se deram com esse advento tecnológico e algumas implicações desse novo formato de comunicação e de acesso às informações.

Entretanto, várias transformações aconteceram nas últimas décadas e, junto a elas, evoluções. A Internet assumiu importantes papéis, não só para lazer e educação, por exemplo, mas também carrega um grande peso político. Ondas políticas são feitas e desfeitas na Internet. Apoio, oposição, críticas e organizações de movimentos têm a Internet como seu palco e ganham protagonismo. Grande parte do que acontece fora do mundo virtual passou por ela antes de concretizar-se. Nesse sentido, pode-se concluir que as ruas hoje são digitais. E assim a Internet passa a exercer um papel

com consequências previstas ou não por Castells. A informação, hoje, foi para a rede e está exposta para quem tiver acesso. O digital e o real se ligam cada vez mais, um faz parte do outro com pontos cada vez mais extensos nessa intersecção em que para ser digital, não é necessária a ligação estreita com o que é físico e material. O digital é o real.

Paula Sibilia, em *O Show do Eu - a intimidade como espetáculo* (2016), trata nas páginas de seu livro sobre a Internet e a exposição do eu. Sibilia afirma que no século XX houve o “surgimento de um fenômeno desconcertante: os meios de comunicação de massa baseados em tecnologias eletrônicas.” (p.18), enquanto no começo do século XXI “testemunhamos a consolidação deste outro feito igualmente impactante: com uma rapidez inusitada, os computadores interconectados através das redes digitais de abrangência global se converteram em inesperados meios de comunicação.” (p.19). Assim, com a evolução em termos de tecnologia, as conexões foram se consolidando a ponto da Internet tornar-se a principal plataforma de comunicação, com destaque para o uso de redes sociais. Quando foi criada, a Internet era usada de um modo impessoal: para transmissão de dados e informações científicas. Atualmente, esse modo tornou-se mais pessoal, trazendo consigo a exposição. Assim como Elizângela Maria dos Santos escreveu em seu trabalho (2017, p.71), também entendo que a definição de Raquel Recuero pode ser proveitosa na discussão:

(...) as redes sociais podem ser definidas como “estruturas compostas por grupos de pessoas que integram tecnologia e interatividade.” (...) Materializadas com o surgimento da internet, as mídias constituem plataformas que permitem e aceleram a interação e a conectividade entre grupos de pessoas, denominados redes sociais. (RECUERO, 2008 apud SANTOS, 2017)

Uma vez que a comunicação tornou-se mais fácil e rápida e as redes sociais ganharam destaque no cotidiano da internet, faz-se interessante pontuar o caminho de evoluções da internet e das redes sociais. Para Sibilia, esse caminho foi traçado da seguinte forma:

Primeiro foi o correio eletrônico, uma poderosa síntese entre o telefone e a velha correspondência. (...) Em seguida, popularizaram-se os canais de bate-papo ou chats, simbolizados pelo bem-sucedido ICQ, que logo evoluíram nos sistemas de mensagens instantâneas do tipo MSN ou Hangout e nas populares redes de interação como Orkut,

*MySpace, Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram, Pinterest* ou *Snapchat*. Paralelamente, surgiram os sites que facilitariam o compartilhamento de vídeos caseiros, uma categoria na qual se destacou *Youtube*. (...) Um elemento importante nesse itinerário foram os *blogs*, surgidos nos primeiros anos do século XXI e então curiosamente definidos como “diários íntimos que se publicam na internet.” [...] Ainda hoje é enorme a diversidade de assuntos tratados nos blogs da internet, embora boa parte da atividade que eles canalizavam tenha sido absorvida pelas redes sociais como *Facebook* ou *Twitter*, que se desenvolveram mais intensamente na segunda década do século XXI. Nessa categoria anterior, porém, há propostas bem variadas, incluindo algumas experimentações estéticas inovadoras, mas ainda parecem ser maioria aquelas que seguem o modelo do testemunho pessoal. (SIBILIA, 2016, p.20)

O *WhatsApp* é um aplicativo de troca de mensagens online e atualmente é uma das principais redes de comunicação, sendo influência, inclusive, em cenários grandiosos como, por exemplo, o político. O *WhatsApp* surgiu no ano de 2009 como uma empresa fundada por Brian Acton e Jan Koum.

Ainda em 2009, o russo Ian Solomennikov programou a versão 1.0 do aplicativo, mas ainda era uma versão instável e não servia como um serviço de troca de mensagens. Ele mostrava apenas alguns status, por exemplo, se o usuário estava disponível ou não para receber ligações. Em junho do mesmo ano, a *Apple* lançou o sistema de notificações em seu sistema operacional, o iOS 3.0 e então a troca de status tornou o aplicativo um mensageiro. No início, o aplicativo era gratuito, passou a ser pago e era compatível apenas com os *iPhones*. Devido ao grande sucesso e investimentos para melhorias, o aplicativo passou a ser gratuito, compatível com outros sistemas operacionais e a suportar mensagens de mídia, como áudio, vídeo e *gifs*. Em 2014, Mark Zuckerberg, dono do *Facebook*, comprou o *WhatsApp* e a expansão continuou acontecendo.

No Brasil, o mensageiro é um dos aplicativos mais usados. De acordo com o site da empresa *Statista*, responsável por levantamento de dados e informações estatísticas, para o ano de 2017 “56% de todos os brasileiros utilizam o *WhatsApp* como meio ativo de comunicação e para obter informação. Isto faz do *WhatsApp* o aplicativo de mensagem mais popular no Brasil”.

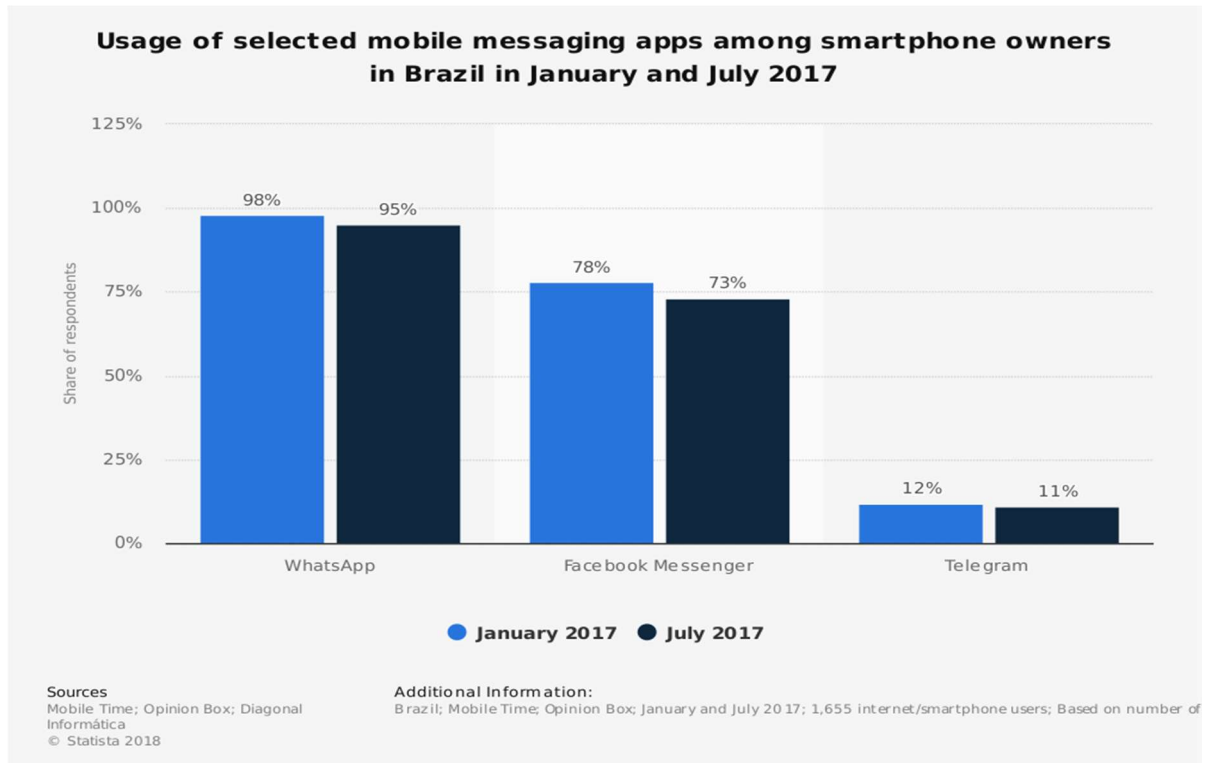


Tabela 1. Uso de aplicativos de mensagens selecionados entre donos de smartphones no Brasil em janeiro e julho de 2017.

Fonte: PASQUALI, Marina. *Frequency of use of selected mobile messaging apps among smartphone owners in Brazil as of July 2017*.

De acordo com essa tabela podemos ver que o uso do *Whatsapp* superou o de outros aplicativos mensageiros, como o *Facebook Messenger* e o *Telegram*.

No Brasil, alguns sites ligados à tecnologia trazem informações sobre a quantidade de usuários do aplicativo. No site *Techtudo*, em matéria publicada em junho de 2017, a informação é de que “mais de 1,2 bilhão de pessoas acessam o *WhatsApp* mensalmente, segundo dados oficiais para o primeiro semestre de 2017. Deste total, 120 milhões são brasileiros.” Já o site Folha Uol informa em matéria publicada em julho de 2018 que o *WhatsApp* tem 120 milhões de usuários ativos no Brasil.” Ainda de acordo com o site *Techtudo*, Mark Zuckerberg não divulga novos dados estatísticos sobre o aplicativo, pois “Desde o último levantamento sobre o mensageiro, a plataforma foi alvo de críticas por conta do envolvimento em um suposto esquema de disparo de notícias falsas no Brasil durante as Eleições 2018”.

Em outubro de 2018, ano de eleição, o *WhatsApp* confirmou o banimento de “centenas de milhares contas” durante o período eleitoral, pois houve a suspeita de que essas contas estavam espalhando as *Fake News* – notícias falsas.

É importante lembrar que, como já mostrado, a Internet e suas redes sociais atualmente são muito mais que apenas conexões de redes e exercem influência direta no



dia a dia de quem delas faz parte. O uso, então, de uma rede social e desse espaço cibernético para propagar modos e estilos de vida é recorrente e verdadeiro, além de ser um meio de comunicação para informação que contrapõe os comumente usados, como jornal, televisão e rádio. Dessa forma, é de se pensar sobre a influência de uma rede social e do espaço da Internet em questões sérias como a propagação de *Fake News* em um período tão importante quanto às eleições de um país. Esse caminho já apresentado nas redes sociais, no uso e na interatividade traz à tona um ponto muito importante para esse trabalho: o espaço cibernético, ou ciberespaço.

Pierre Lévy, em *Cibercultura* (2010), define ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” (p.94). Para Lévy, essa definição<sup>2</sup> inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (p.94-95). Ou seja, é um termo que abrange não somente a parte de infraestrutura dessa comunicação, como também as informações que lá circulam e as pessoas que fazem esse espaço acontecer, seja por navegarem ou por sustentarem a rede com a circulação de informações.

Lévy aborda que uma das principais funções do ciberespaço é “o acesso à distância aos diversos recursos de um computador.” (p.95). Alguns exemplos desses recursos são: acessar bancos de dados de outros computadores, ligar um computador a outro e assim conseguir executar cálculos que o computador pessoal levaria muito tempo para executar, fazer transferências de dados ou *upload* e também compartilhar telememórias por comunidades dispersas independentemente de onde estiverem situadas geograficamente (p.95-97).

O espaço cibernético proporciona um grande acesso a informações sem que o navegante precise se locomover fisicamente. É possível, com isso, estabelecer grandes trocas e experiências que, sem esse espaço, seriam mais difíceis ou até mesmo inacessíveis. Paula Sibilia escreve que “a rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e desenvolver

---

<sup>2</sup> *Cibercultura* foi publicado originalmente no ano de 1997, há mais de vinte anos, em um contexto muito diferente do que temos hoje em dia. A pesquisa de Levy foi um trabalho de muita importância e devido à sua precisão nas definições ainda é bastante usado nas referências dos estudos atuais. Assim, como ele mesmo diz em nota de rodapé, “nossa definição de ciberespaço aproxima-se, embora seja mais restritiva, daquela fornecida por Esther Dyson, George Gilder, Jay Keyworth e Alvin Tofler em *A Magna Carta for the Knowledge Age*, *New Perspectives Quarterly*, outono de 1994, pp. 26-37. Para estes autores, o ciberespaço é a ‘terra do saber’ (*the land of knowledge*), a “nova fronteira” cuja exploração poderá ser, hoje, a tarefa mais importante da humanidade (“*the exploration of that land can be the civilization’s truest highest calling.*”)” (p. 95).

novas subjetividades e outras formas de se relacionar com os demais" (p.52-53). Dessa forma, então, mais de uma definição pode ser usada no entendimento do ciberespaço.

Nessas novas formas de existir das subjetividades e das novas experiências que, atualmente, estão mais acessíveis, grupos sociais que antes não se interessavam pelos avanços tecnológicos no meio cibernético têm encontrado formas de conectar-se. Os idosos, por exemplo, que geralmente mostram-se mais resistentes a novos usos de tecnologia, usam esse espaço para integrarem-se. Os smartphones também foram responsáveis por grande parte dessa inclusão, por serem de uso relativamente mais simples que um computador e terem a vantagem, assim como o *tablet*, de serem portáteis.

Entretanto, ao mesmo tempo em que determinado público tem acesso à inclusão digital há também aqueles cujo acesso é restrito ou inexistente, trazendo a ideia de exclusão digital. É necessário ressaltar, como afirma Lévy (1997, p.238), que "o ciberespaço não muda em nada o fato de que há relações de poder e desigualdades econômicas entre os humanos." Dessa forma, Sibilia traz dados do Banco Mundial para o ano de 2015 com relação ao acesso à internet:

A distribuição geográfica do grupo ainda privilegiado que possui senhas de acesso às redes informáticas é outro dado eloquente. Em 2008, os números eram os seguintes: 43% na América do Norte, 29% na Europa e 21% em boa parte da Ásia, incluindo os fortes números do Japão. Nessas regiões do planeta, portanto, concentravam-se nada menos que 93% dos usuários da rede global de computadores- e, portanto, daqueles que podiam usufruir das maravilhas da vida on-line. A magra porcentagem remanescente respingava nas amplas superfícies dos países rotulados como "em desenvolvimento", disseminada da seguinte forma: 4% na nossa América Latina, pouco mais de 1% no Oriente Médio e menos ainda na África. Nos anos seguintes, a quantidade total de usuários da rede foi se ampliando, inclusive nessas partes do planeta, porém também se aprofundou um fenômeno bem característico da globalização: no interior de cada país, ficam cada vez mais explicitadas as diferenças entre os que têm acesso e os que não tem, bem como a diversidade no tipo e qualidade desse usufruto. (SIBILIA, 2016, p.49)

Os números mostram que, apesar de uma grande parte da população ter acesso ao mundo digital, há uma parcela que não usufrui dessa rede de comunicações e isso implica em um acesso às informações diferenciado e menos valorizado, de

forma que essa parcela da população é tida como não pertencente ao avanço da nova era e, assim, excluída.

Em *Multidão, Guerra e democracia na era do Império* (2005), de Antonio Negri e Michael Hardt, os autores afirmam que a criatividade inicial da revolução cibernética e o desenvolvimento da rede foram possíveis graças à facilidade de acesso à informação e às tecnologias, porém:

Os especialistas em internet e os especialistas em cibernética reiteram que o caráter aberto das terras comunais da eletrônica tem sido o fator principal que tem possibilitado a grande inovação do período inicial da revolução informática, e que atualmente as inovações se veem cada vez mais com obstáculos colocados pela propriedade privada e pelos controles administrativos que limitam o acesso aberto e a liberdade dos intercâmbios. (HARDT; NEGRI, 2005, p.384)

Dessa forma, a exclusão digital, além de limitar o acesso a informações, carrega consigo também fatores sociais, econômicos e políticos. As limitações das informações na Internet são uma realidade em países como China e Turquia. Recentemente, em abril de 2019, o site *Wikipedia* foi banido na China.

De acordo com matéria veiculada no site *A Folha Uol*, na Turquia, o banimento da *Wikipedia* aconteceu em 2017, mas redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* já foram banidos de forma intermitente. É de se pensar quais são os impactos desse cerceamento das informações no mundo cibernético. Se há o acesso controlado ao que pode ser visto ou lido, também há a restrição à liberdade de informação. Essa restrição pode trazer impedimentos sociais, econômicos e políticos tanto para a população quanto para os indivíduos. A exclusão digital, nesses casos, mostra um descompasso na liberdade da Internet: há o acesso a essa grande plataforma, mas o acesso às informações que ela disponibiliza é controlado.

## 1.2 Internet e Literatura

À medida que a Internet ganhou uma dimensão ubíqua na vida contemporânea, a literatura passou a ser parte da Internet e a Internet a ser parte da literatura, relação na qual uma afeta a outra em suas redes que se alimentam e suportam. A literatura

na Internet envolve não apenas o livro em si. Os suportes e as possibilidades de conexões que a Internet pode agregar à literatura se abrem como um leque.

Para Ana Cláudia Munari, há alguns tipos de relação entre literatura e Internet:

Posso pensar em outros tipos de relação: da literatura que “está na” internet (daí é uma conversa meio analógica), da literatura que “sofre influência da” internet (ou sofre influência desses tempos de internet, como a literatura da modernidade sofreu da máquina a vapor) e da literatura que “se constrói a partir” da internet, quando a rede não é só um suporte, mas uma ferramenta de criação. Então: a internet pode ser suporte, pode ser ambiente (sócio-políticoeconômico), e pode ser ferramenta. (MUNARI, 2011)

Essa tripla característica explicada acima por Munari é completamente identificada em *Delegado Tobias*, uma vez que a literatura e a Internet se suportam e se completam nessa obra. A literatura que está na Internet e a que se constrói a partir da Internet são duas dimensões importantes para esse trabalho, pois possibilitam pensar a figura do Delegado Tobias e do autor, Ricardo Lísias, com sua atuação nas redes sociais.

Começaremos, desse ponto em diante, a discussão da definição da literatura na Internet, que não é uma definição simples. Uma vez que a definição do que é essa literatura, o que ela engloba e quais são seus limites, é uma discussão relativamente nova, construir esse conceito ou definição é um caminho a ser trilhado.

A partir do momento em que há produção de material literário no ciberespaço, a forma com que esse material se concretiza é diferente do livro impresso. Os *e-books*, por exemplo, são disponibilizados em formatos digitais, que podem ou não ser impressos, e podem ser lidos tanto em computadores convencionais quanto em celulares, em *tablets* e em dispositivos portáteis específicos para leitura, como o *kindle*. Assim, os *e-books* se encaixam, à priori, no espaço cibernético, como suporte para a literatura.

Os novos suportes para livros trazem à tona uma questão: então a literatura no formato impresso, que já é conhecida e muito mais familiar para os leitores, vai acabar? Muito se discute sobre isso nos estudos do tema. É importante salientar que, conforme o acesso à tecnologia se faz mais fácil e esses suportes se tornam mais disponíveis, é natural que o leitor acompanhe essa mudança e aprenda a lidar com esses novos formatos também. Entretanto, o leitor também é afetado pelas mudanças que a tecnologia traz e essa mudança no leitor pede que a literatura siga caminhos

que acompanhem o que acontece. Essa relação é uma via de mão dupla: a literatura na Internet muda o leitor e o leitor muda a literatura, inclusive na Internet. Jennifer Celeste trouxe em seu trabalho a crítica de Roger Chartier a respeito da discussão sobre o possível fim do livro impresso *versus* a existência dos livros em suporte digital, a qual entendo aqui ser oportuna:

Segundo Roger Chartier (2002), o mais provável que ocorra nas próximas décadas é a coexistência entre as formas assumidas pelos materiais de cunho literário – os livros impressos e os e-books – e os diferentes modos de comunicação promovidos pelos textos – manuscritos, impressos e eletrônicos. No peculiar caso do e-book, conforme mencionado pelo estudioso, o fenômeno que tal ferramenta eletrônica abarca não nos permite simplesmente deduzir o fim do livro impresso tradicional. (CHARTIER, 2002, apud CELESTE, 2018, p.102)

Este é o momento, então, de voltarmos à definição da literatura na Internet. Algumas definições da literatura digital vêm sendo construídas. Em trabalhos como o de Elaine Duarte, a definição adotada é a de Katherine Hayles, de que

(...) a literatura eletrônica não é a simples digitalização de textos impressos, ela apresenta características próprias e é “nascida no meio digital”, pois é pensada para esse meio. É “um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador.” (HAYLES, 2009, p.20 apud DUARTE, 2015, p.63)

Elaine Duarte acrescenta que Alckmar Santos, professor de Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador de literatura digital e hipertexto, traz sua visão no contexto brasileiro sobre o tema e concorda com Hayles quando a afirmação de que não é fácil definir literatura digital é feita.

Não basta digitalizar um texto e divulgá-lo na internet para ser considerado literatura digital. Nesse caso o texto é apenas digitalizado, pois não apresenta recursos de programação na sua criação, o “digital” é apenas “uma forma de divulgação não questão artística”. Sobre esse prisma a “questão artística” está diretamente ligada ao espaço que deixa de ser concreto e torna-se matemático. (SANTOS, 2010, apud DUARTE, 2015, p.63)

A literatura contemporânea aparece em vários formatos para além de apenas o suporte. As *fanfics* são um exemplo de outro tipo de literatura produzido na internet. Nas *fanfics*, fãs de um determinado grupo ou personagem já existentes criam

narrativas ficcionais envolvendo esses protagonistas e postam online. A repercussão dessas narrativas se dá em maior parte pelas redes sociais, principalmente *Facebook*, *Twitter* e *Tumblr*. Há também os poemas escritos por *bots*, que são uma espécie de inteligência artificial. Conhecidos como “robôs”, os *bots*, de acordo com a definição extraída do site *Techtudo*, “são programas de computador criados para rodar pela internet realizando tarefas repetitivas e automatizadas.” Assim, é possível que um bot crie poemas: basta programá-lo para ler uma quantidade determinada de poemas e indicar o que e de que forma o texto pode ser criado e então, de forma artificial, o poema é criado. A divulgação desses poemas também ocorre no espaço da internet.

Com a evolução das tecnologias e seus suportes, a discussão sobre a expansão do que se define como literário precisa ser feita.

Para Florencia Garramuño:

O fato é que a ideia de um campo expansivo - com suas conotações de implosões internas e de constante reformulação e ampliação - talvez seja mais adaptada para refletir sobre uma mutação daquilo que define o literário na literatura contemporânea, que em sua instabilidade e ebulição atenta até contra a própria noção de campo como espaço estático e fechado. (GARRAMUÑO, 2014, p.33-34)

Assim, discutindo o campo literário tradicional e o modo pelo qual o advento da tecnologia influenciou as novas formas de literatura, é possível entender os fenômenos que estão acontecendo ao mesmo tempo em que esse trabalho é escrito ou lido. Ou seja, o que acontece no campo literário na contemporaneidade e as formas de resistência que esse novo formato vem trazendo em pleno século XXI. Ricardo Lísias faz uso produtivo das redes, apresentando-se nas esferas pessoal, de autoria e de agente do campo literário, misturando vida pessoal, pública e ficção. É nesse sentido que essa dissertação se desenvolve: analisar o uso das redes feito por Lísias, assim como sua obra *Delegado Tobias* e a relação do meio cibernético e suas plataformas com a literatura.

### 1.3 Vida Literária na Internet: Ricardo Lísias e Outros Escritores

Em dezembro de 2016, foi divulgada através do site *Poder 360* uma pesquisa feita pelo Instituto Reuters, da Universidade de Oxford, sobre o uso das mídias para

consumo de informações. De acordo com a pesquisa, no Brasil, 91% dos brasileiros diziam usar a internet para se informar e 72% dos internautas brasileiros liam notícias pelas mídias sociais, sendo o *Facebook* e o *WhatsApp* as plataformas preferidas dos leitores para se informar, colocando o país como terceiro lugar na pesquisa entre os 26 países participantes.

	USA	UK	GER	FRA	SPA	POR	ITA	IRE	FIN	NOR	SWE	DEN	BEL
TV	66%	70%	78%	74%	79%	82%	83%	73%	75%	72%	72%	73%	75%
Radio	23%	33%	46%	28%	34%	37%	30%	48%	47%	47%	47%	47%	46%
Print	26%	35%	38%	27%	56%	47%	43%	47%	53%	41%	43%	29%	45%
Online*	73%	72%	59%	71%	86%	88%	83%	84%	89%	86%	89%	84%	82%

	NLD	SUI	AUT	HUN	CZE	POL	GRE	TUR	KOR	JPN	AUS	CAN	BRA
TV	76%	69%	76%	72%	81%	80%	66%	80%	71%	69%	65%	71%	79%
Radio	57%	43%	46%	25%	35%	42%	34%	41%	12%	17%	40%	27%	35%
Print	43%	63%	67%	27%	34%	32%	31%	54%	28%	44%	38%	36%	40%
Online*	81%	82%	73%	88%	91%	82%	96%	90%	86%	72%	78%	75%	91%

Tabela 2. Países participantes da pesquisa e a porcentagem de uso das plataformas de televisão, de rádio, impressa e online usadas no consumo de informação.

Fonte: MARQUES, Pablo. *72% dos brasileiros leem notícias nas mídias sociais*.

A pesquisa foi feita no ano de 2016 e até o momento da escrita desse trabalho, já se passaram três anos. Nas pesquisas não encontrei dados mais recentes ou mais atualizados sobre essas informações. Porém, acompanhando o crescimento do uso das redes sociais e o que já foi discutido aqui, pode-se afirmar que esses números com relação à plataforma de acesso digital aumentaram.

A Internet tornou-se o novo canal de acesso à informação e também um novo espaço de construção de figuras públicas. Esse espaço já foi ocupado pela imprensa, em suas notas de rodapés com explicações sobre a vida pessoal de autores, por exemplo, e também pelo suplemento literário, como revistas, jornais e publicações literárias nos meios impressos. Nos anos 2000 - 2010 houve um enfraquecimento dos suplementos literários, e nesse momento, o *boom* das redes sociais aconteceu. As redes sociais se estabeleceram como plataforma para leitura de notícias e opiniões e assim, surgiu um novo palco para a vida literária: a Internet.

Brito Broca, em seu livro *A vida literária no Brasil 1900* (2005), mostra o caminho da literatura associada à imprensa no início do século XX e como a vida literária ganhou corpo. Nesse momento, o espaço de construção de figuras públicas era dado através da imprensa. Muito se deve ao fato de jornalismo e literatura

caminharem juntos e, então, o interesse pelos autores rapidamente cresceu, como podemos ver nesse trecho de *A vida literária no Brasil 1900*:

(...) entre as inovações de nossa imprensa, no início do século, com relação à literatura, podemos distinguir as seguintes: a decadência do folhetim, que evoluiu para a crônica de uma coluna focalizando apenas um assunto, e daí para a reportagem; o emprego mais generalizado da entrevista, muito pouco utilizada até 1900, e a crítica literária em caráter mais regular e permanente. Tudo isso por certo decorreu da própria evolução da imprensa. Tornando-se mais leves, os jornais passaram a solicitar crônicas mais curtas e vivas, condizentes com as exigências da paginação, em vez dos folhetins que atravancavam o texto. Ganhando ao mesmo tempo em caráter informativo o que perdiam em feição doutrinária, deviam naturalmente utilizar, em escala cada vez maior, os meios mais diretos de informação: a reportagem e a entrevista. Quanto à crítica literária regular — uma vez por semana, na maioria dos casos — atendia às mesmas necessidades modernas da imprensa: a de orientar os leitores sobre o que se publicava no mundo das letras. Essas inovações eram ainda incrementadas pelo sensacionalismo, que começava a tomar corpo entre nós. “Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores — escrevia Paulo Barreto no *Momento Literário*, justificando o inquérito que acabava de realizar”. Atravessamos precisamente uma época em que a vida dos autores se tornava mais interessante do que as obras. (BROCA, 2005, p.219-220)

Assim, com esse espaço da literatura no veículo de comunicação mais importante do momento, uma rede de escritores foi se criando. Os escritores dessa rede não apenas tinham relações de amizade entre si, como também apoiavam e davam suporte para os outros escritores, muitas vezes indicando e dando oportunidade de trabalho nos mesmos jornais. Marcelo Mendes de Souza (2010) fala ainda sobre como o jornal influenciou e abriu as portas para a popularização da literatura como consequência:

(...) desta janela que, à época, se abria ao público e que criava seus ídolos, que era o jornal — meio o qual se encontrava, então, em franco desenvolvimento, passando de um modelo ideológico e elitista a um meio popular, em busca de leitores e, por outro lado, de personalidades que interessassem a esse público renovado; ídolos, enfim. (SOUZA, 2010, p.43)

Uma vez que os autores passam a ser considerados ídolos e despertam essa vontade do público de saber mais de suas vidas pessoais, temos então a vida literária presente na discussão. A vida literária não diz respeito somente ao que o escritor



produz, mas há também um interesse que se mistura e conflui: as posturas e as relações pessoais dos escritores para além do que é escrito e publicado.

Cristiane Costa em *Pena de Aluguel* (2005) retoma essa discussão fazendo um paralelo entre a literatura e jornalismo no qual agora no século XX para XXI a vida literária dos escritores, autores e jornalistas têm ligação estreita com a relação real - ficcional. Aponta também a evolução das tecnologias e como influenciaram a percepção da literatura e, por consequência, a vida literária:

Hoje, o *status* de ficcional ou factual depende de um contrato implícito. No caso do jornalismo, o de narrar um fato verdadeiro. No da literatura, o de privilegiar a imaginação e a concepção estética. Mas a exclusão de conteúdos não-ficcionais do conceito de literatura pode interferir profundamente na forma de recepção de um texto. Às vezes, basta mudar seu suporte material. Com isso, uma reportagem pode ganhar *status* literário quando impressa em livro. Ou um texto ficcional pode simular uma reportagem a ponto de enganar jurados experientes de prêmios como o Pulitzer. Por esse motivo, o conceito fechado de literatura tem sido abandonado em prol de outros mais abertos, como texto, escritura ou discurso. (COSTA, 2005, p.235)

Os textos de Brito Broca e Cristiane Costa são importantes para pensar a questão da vida literária, como foi o seu percurso e percepção ao longo da virada do século XIX para XX e no século XX para XXI. É importante pontuar aqui que os autores referenciados nesse ponto da pesquisa não explicam totalmente todas as nuances do desenvolvimento nesse tema nos períodos históricos que se propõem a analisar, mas foram escolhidos como forma de guiar a discussão e tornar as comparações feitas possíveis. As questões ligadas à autoria, por exemplo, são pontos interessantes e que mudaram ao longo dos séculos, porém não são tratadas diretamente na análise apresentada nessa pesquisa pois o ponto interessante a ser observado nesse trabalho é a ligação da vida literária com a vida digital. As evoluções na tecnologia e nas redes tornaram o lado digital como parte real e construída das relações. Podemos ampliar esse pensamento e trazer para a realidade atual da Internet como espaço de construção de figuras públicas. Dessa forma, é necessário que se faça um estudo da vida digital e vida literária com suas singularidades e subjetividades, assim como Cristiane Costa fez com Brito Broca. Aqui, porém, ficarei limitada à discussão do caso Lísias.

Atualmente, a relação da vida literária com o meio digital é conectada. É pela internet que as pessoas e leitores têm acesso não só ao trabalho dos autores, mas

também às suas questões pessoais, às informações da vida privada e ao autor enquanto pessoa, com seus gostos e opiniões. A vida literária na Internet pode ser percebida de duas formas: o uso das redes sociais para divulgação e suporte dos trabalhos dos autores e o compartilhamento de informações ligadas à vida privada, como fotos, opiniões políticas, gostos, lugares visitados e afins. É também muito mais fácil para os leitores estarem em contato com os autores através da Internet, deixando comentários, curtindo e compartilhando tudo o que é postado. As redes sociais abrem a possibilidade da resposta mais rápida e da interação digital, porém real, que movimenta e dá visibilidade ao que é disponibilizado nessas plataformas, assim como as críticas e os elogios.

Clara Averbuck é um exemplo de autora que tem uma vida literária interessante. Uma de suas obras mais famosas, *Máquina de Pinball* começou como uma reunião de escritos de seus blogs, sendo mais popular o blog *brasileira!preta!*, que em 2002 foi lançado como livro pela editora Conrad. O livro também ganhou adaptações para o teatro.

A autora foi um grande destaque do início do século XXI, principalmente na blogosfera. Seu blog *brasileira!preta!* não existe mais, porém no site oficial da escritora ([www.claraaverbuck.com](http://www.claraaverbuck.com)) há uma parte dedicada apenas aos melhores momentos do referido blog. A última obra de Clara foi lançada em 2008, em parceria com Eva Uivedo, mas sem nenhuma ligação com os blogs e a esfera digital. Entretanto, a autora segue ativa nas redes sociais, principalmente no *Twitter*, onde além de falar sobre seus projetos, muito se manifesta sobre o atual momento político e divide algumas informações de sua vida pessoal.



Imagem 1. Tuíte de Clara Averbuck com sua cachorra em um momento pessoal de descontração.  
 Fonte: AVERBUCK, Clara. “Dramas Pessoais”. 22 de junho. Tweeter: @claraaverbuck.

Clara Averbuck ainda é lembrada como essa personalidade do início do século XXI, no momento de explosão dos blogs, mas não somente ela. Na mesma época, outros autores também tiveram grande destaque: Daniel Galera, Daniel Pelizzari, Joca Terron, João Paulo Cuenca, Marcelino Freire e Marcelo Coutinho, como salientou Elizangêla Maria em seu trabalho.

Daniel Galera, em entrevista para o site Jornal Rascunho, contou sua trajetória e também sua relação com a Internet, que começou antes dos blogs. Galera primeiro aprendeu a programar sites e assim criou seus sites pessoais e depois os de literatura. Em 1997 entrou na faculdade e, então, o grande passo da sua vida e carreira literária foi dado:

Foi a coisa mais forte, para mim, como autor, porque foi um pequeno fenômeno. A gente criou esse fanzine por e-mail **[durante]** uma greve de faculdade: não tinha nada para fazer, e um amigo nosso, o Cardoso, começou a mandar e-mails com “Vi esse filme”, e uns poeminhas, para uma lista de, sei lá, 50 amigos. Na época, eu lia outros sites, como o **Pitchfork**, que hoje é a bíblia da música independente. Ele existia já em 1997, 1998, só que era um site bem pequenininho. (...) E foi isso: a gente começou a escrever textos sobre música, as chamadas **egotrips** — pós-adolescentes falando da vida pessoal —, textos ainda rudimentares, mas apaixonados, com muita vontade de se expor e dar a cara a bater. Aquele troço começou com 50 pessoas recebendo e, em questão de um ano, tinha 2 mil, chegou a ter 5,5 mil assinantes. Durou três anos. (...) Para mim, a importância

do **COL**<sup>3</sup> foi que, de uma hora para outra, eu tinha um público de cinco mil pessoas. Então comecei a fazer contos que eu passava dias revisando. E comecei a ter o retorno dos leitores pela internet. Na época, publicar um conto e receber 15 e-mails era um negócio totalmente desnorteador. Era o pessoal mais novo, que começou a usar o computador mais cedo. Hoje todo mundo usa. Isso foi depois de 2001. O blog foi importante porque eliminou a necessidade de tu saber programar: tu entrava, preenchia uns negócios e tinha um canal de publicação. (GALERA, 2012)

Daniel Galera e Daniel Pelizzari, após o sucesso do *COL*, juntaram-se a Guilherme Pila e criaram a editora independente Livros do Mal, que foi inspirada na *Ciência do Acidente*, de Joca Terron. Assim, publicaram seus livros e seguiram suas vidas nas artes. Daniel Galera mantém sua vida literária ativa através do site Rancho Carne, da newsletter *Dentes Guardados* e de seu perfil no *Twitter*.



Imagem 2. Tuíte de Daniel Galera de fotos com sua família.

Fonte: GALERA, Daniel (@ranchocarne). "Revelamos um rolo de filme do inverno passado. Esses somos nós." 18 de junho. Tweet.

Já Fabrício Carpinejar, além de escritor (poeta e cronista), é jornalista e apresentador brasileiro premiado e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O escritor começou sua carreira com publicações impressas e também tem obras digitais. Carpinejar é um fenômeno da atualidade. Suas frases e textos são muito compartilhados nas redes sociais, principalmente no *Facebook*, onde já atingiu mais de 1 milhão de curtidas em sua página.

<sup>3</sup> *COL* é a sigla para Cardosonline, o nome do fanzine por e-mail explicado na citação. Por decisão dos colunistas o fanzine foi extinto e sua última edição foi a de número 278. Entretanto, os colunistas disponibilizaram um site (<http://www.qualquer.org/col/>) "com informações sobre os resíduos do fanzine e arquivo completo de edições antigas para download."

Desde maio de 2011, Carpinejar é colunista do jornal *Zero Hora*. Em 2012, estreou como apresentador do programa *A Máquina*, da TV Gazeta e ficou no ar até o ano de 2016. Porém, a maior visibilidade de Carpinejar veio com a participação no programa de televisão *Encontro com Fátima*, da Rede Globo, que até o momento da escrita deste trabalho, se encontra como participante.

O autor mantém sua vida literária ativa por meio das redes sociais. Além das mais de 1 milhão de curtidas no *Facebook*, seu perfil no *Instagram* conta com 472 mil seguidores e 839 mil seguidores no *Twitter*. Carpinejar compartilha em suas redes sociais além da divulgação de seus trabalhos, fotos e alguns vídeos de momentos pessoais. Os posts, em sua maioria, são imagens ou frases com trechos de sua autoria e em seu blog há a publicação não tão periódica de crônicas.



Imagem 3. Uma parte do *feed* do *Instagram* de Carpinejar, com posts sobre o trabalho e vida pessoal. Fonte: CARPINEJAR, Fabrício. (@fabriciocarpinejar).

Por fim, apresento Ricardo Lísias. Ele é um autor-fenômeno um pouco menos viralizado que os outros autores apresentados, mas ainda assim é reconhecido na internet como um autor polêmico. Lísias é um escritor ativo nas redes sociais, tendo perfil em algumas das maiores redes na atualidade: a conta pessoal no *Facebook* (<https://pt-br.facebook.com/ricardo.lisias>), a página do escritor na mesma rede (<https://www.facebook.com/rlisias/>), a conta no *Twitter* (@ricardolisias ou <https://twitter.com/ricardolisias>) e o perfil no *Instagram* (@rlisias ou <https://www.instagram.com/rlisias/>). Usando desses meios de comunicação, um perfil do autor e sua atuação online podem ser traçados.

Os perfis nas redes sociais consistem na divulgação de seus trabalhos, incluindo participação em entrevistas e eventos, expressão de posicionamentos políticos, exposição de alguns momentos pessoais e compartilhamento de atualizações sobre as polêmicas que, por conta de suas obras, o autor se encontra envolvido. A mais recente está ligada ao livro *Diário da cadeia - com trechos inéditos da obra Impeachment* (2016) que foi escrito sob o pseudônimo Eduardo Cunha. A justiça do Rio de Janeiro proibiu o lançamento do livro alguns dias antes da data prevista para tal, quando atendeu ao pedido do ex-deputado Eduardo Cunha, já preso pela operação Lava-Jato, que reivindicou o uso do nome Eduardo Cunha na autoria do livro. A editora Record recorreu da decisão expedida pela 13.<sup>a</sup> Vara Cível Fluminense e conseguiu que o lançamento do livro e as vendas fossem autorizadas. Lísias faz posts com os links que dão acesso a essas informações, compartilha textos, imagens e interage com os seguidores e pessoas que comentam suas publicações.

Em uma tentativa de organizar e categorizar a relação de Lísias com a internet é possível enxergar três dimensões do Ricardo Lísias e dessa plataforma: o Ricardo Lísias autor e personagem de seus livros; o Ricardo Lísias escritor, que participa do debate literário como agente desse campo e o Ricardo Lísias cidadão, pessoa física e figura pública que expõe suas opiniões. Na imagem 4 há um tuíte do autor divulgando suas produções literárias. Esse tipo de divulgação é bastante usada pelo autor nas suas redes sociais. Na imagem 5, há um tuíte mostrando o lado mais pessoal do autor, como a comemoração de um título do seu time de futebol. Na imagem 6, um *post* do *Instagram* no qual Ricardo Lísias, faz uma crítica a situação política e brinca com uma fala proferida por um político, que foi transformada em legenda da sua foto.





Imagem 4. Tuíte sobre as últimas publicações literárias até o mês de maio de 2019. Lísias autor.  
Fonte: LÍSIAS, Ricardo. “Tentando”. 10 de maio de 2019. Tweeter: (@ricardolisias).



Imagem 5. Retuíte do tuíte feito pelo Sport Club Corinthians Paulista em comemoração ao título do Campeonato Paulista de futebol 2019 da Série A. Lísias cidadão, que expressa seus gostos e opiniões.

Fonte: LÍSIAS, Ricardo. “#TRIntou”. 21 de abril de 2019. Tweeter: (@ricardolisias).



Imagem 6. Foto do *Instagram*. *Lísias pessoa pública, que manifesta suas opiniões*.  
 Fonte: LÍSIAS, Ricardo. “Apresento-lhes um idiota inútil”. 15 de maio de 2019. *Instagram*: (@rlisias).

Esses modos se confluem apesar de não se misturarem. Talvez essa seja a esperteza de Ricardo Lísias - usar a confluência desses modos para a completude de seus trabalhos e até mesmo uma proteção perante seus seguidores e leitores. Ricardo Lísias tanto pode ser o autor que transforma a si mesmo em um personagem, quanto pode se transformar em um outro ser real, por exemplo, um Eduardo Cunha e ainda assim dividir momentos de sua vida pessoal e opiniões políticas.

Devido à confluência desses modos, algumas questões podem vir à tona. A possível tentativa do autor em controlar a interpretação de suas obras é uma delas, assim como alguns pontos ligados à ética. Entretanto, mesmo com minha consciência sobre esses pontos e suas respectivas importâncias, essas questões não serão abordadas por não serem exatamente o tema proposto pela pesquisa.

Pierre Bourdieu em *As regras da arte* (1996) discute sobre a relação da ligação entre autor e personagem, no sentido do autor colocar sua história nos papéis do personagem. Bourdieu defende que Flaubert projetou em Frédéric, personagem de *A educação sentimental*, sua história que não podia ser assumida como tal.

No entanto, o autor de *A educação sentimental* é precisamente aquele que soube converter em projeto artístico a paixão inativa de Frédéric. Flaubert não podia dizer: “Frédéric sou eu.” Ao escrever uma história



que teria podido ser a sua, nega que essa história de um malogro seja a história daquele que a escreve. (BOURDIEU, 1996, p.41)

Assim, Ricardo Lísias como autor e personagem poderia também usar desse formato para a conjugação das dimensões e apresentá-las em suas obras. Bourdieu diz que há “uma preocupação de evitar a confusão das pessoas à qual sucumbem tão frequentemente os romancistas (quando colocam seus pensamentos no espírito das personagens) e de manter uma distância até na identificação decisória da compreensão verdadeira.” (p.47). Por confusão, podemos entender a mistura que acontece quando os níveis de autor e personagem são colocados juntos na obra escrita. Porém, Lísias apresenta também um lado misturado e talvez até mascarado com relação à forma de se apresentar enquanto personagem que se liga ao autor e, nesse ponto, então, a autoficção se encaixa no estudo desse trabalho.

Dessa forma, é importante pensar também em até que ponto as informações compartilhadas pelos escritores (e mesmo usuários no geral) são selecionadas e voltadas para um determinado objetivo: as máscaras e os personagens que recaem sobre a vida literária e a relação entre vida e texto. Poderia o autor viver como um personagem também na plataforma digital? Para Pierre Bourdieu, havia, no século XIX a preocupação com a separação da vida real do autor com a vida literária e dificilmente havia acesso à vida particular dos escritores. No século XX, como mostra Brito Broca, a ligação entre a vida real e a vida literária começou a se entrelaçar a ponto de revelar um interesse crescente pela vida do autor. No século XXI, Cristiane Costa explica sobre a abertura para uma maior exposição do eu e, junto ao espaço cibernético cada vez mais acessível, a exposição também ganha mais evidência. É interessante observar aqui a rede de escritores que, mesmo atrelada à internet, também se formou. Assim como nos séculos XIX e XX, sendo conservadas as especificidades de cada período, a vida literária no século XXI se faz cada vez mais presente, principalmente pelo uso da internet.

Pensar que o conteúdo compartilhado na internet pode ser uma escolha para alimentar a relação entre vida e texto é usar as potencialidades da rede de forma radical, assim como faz Lísias. O autor se apresenta em dimensões nas esferas de trabalho e pessoal: expõe a mistura da figura pública, do escritor que divulga o trabalho, do escritor que opina e oferece sua visão das coisas e da pessoa que expõe

suas particularidades, como o torcedor do time. São perfis específicos, que performam a exibição da intimidade e Lísias, propositalmente, os mistura em seus trabalhos.

Com essa exposição do autor — inclusive a ponto de se colocar como seu próprio personagem — e os usos da rede e espaço cibernético, chego ao objeto de estudo literário desse trabalho: a série de *e-books Delegado Tobias*, de Ricardo Lísias.

## CAPÍTULO II

### 2.1 Literatura e Autoficção

No século XX, a autoficção entrou no conjunto dos estudos literários. O termo autoficção foi criado por Serge Doubrovsky em um momento que Philippe Lejeune (1973) questionava se seria possível haver um romance cujo personagem tivesse o nome próprio do autor. Assim, Doubrovsky definiu o gênero autoficção para seu livro, *Fils*, publicado em 1977.

Philippe Gasparini em seu texto “Autoficção é nome de quê”, parte da ideia de que a autoficção é o nome de um gênero ou de uma categoria genérica e então afirma, sobre o termo:

Esse nome se aplica, em primeiro lugar e antes de tudo, a textos literários contemporâneos. (...) a questão da autoficção tem o mérito de relançar e estimular a reflexão sobre os gêneros; simultaneamente, ela revigora um debate apaixonante, e apaixonado, sobre os limites da literatura. (GASPARINI, 2014, p.181)

Por ser visto como um gênero com seus limites não muito bem definidos ou ainda uma categoria genérica, a autoficção pode ser entendida por alguns como uma literatura menos valorizada, mais ainda quando aliada ao uso da Internet. Porém, em contraponto a isso, o termo autoficção vem aparecendo em vários campos distintos, dentro e fora da literatura:

(...) os escritores que se apropriam do termo para definir suas próprias obras; o mundo acadêmico, no qual a investigação sobre essa categoria conceitual toma corpo em eventos e comunicações, em teses, dissertações e artigos; a mídia especializada, que mobiliza o termo em entrevistas e resenhas. Além disso, a etiqueta “autoficção” não se restringe mais ao campo da literatura, estendendo-se às outras artes. (NORONHA, 2014, p.8)

Na crítica brasileira, alguns autores falam sobre a autoficção e seus conceitos. Diana Klinger, por exemplo, em seu texto *Escrita de si como performance* (2008), trata da autoficção da literatura contemporânea como um sujeito que volta à prática de

escrever em primeira pessoa, mas com a produção voltada para “uma rede de possíveis ficcionais.” (p.22)

Já Luciene Azevedo, em *Autoficção e literatura contemporânea* (2008), afirma que a autoficção

(...) propõe um novo pacto a fim de que possa ser ludicamente compartilhada, inscreve-se no paradoxo de uma representação que investe em uma história factual (afinal, como é possível saber?) em primeira pessoa, revelando-se um engano, um fingimento de enunciados de realidade. (AZEVEDO, 2008, p.45).

Além disso, a autora elabora, também, que a estratégia da autoficção “é a de parasitar, contaminar, conspurcar a ficção com a hibridização de seus procedimentos de atuação.” (p.46) Já para Pedro Ivo Macedo (2006, p.11), um “conjunto de narrativas ao mesmo tempo autorreferentes e ficcionais é comumente abrigado sob o termo de autoficção”.

Todas as definições apresentadas carregam seus valores e características. Para essa discussão, o conceito apresentado por Pedro Ivo Macedo e a ideia do retorno à prática da escrita em primeira pessoa são colocações válidas neste trabalho.

Ainda, como define Kingler (2008, p.26), “a autoficção só faz sentido se lida como show, como espetáculo, ou como gesto.”. Para o trabalho de Ricardo Lísias em *Delegado Tobias* (2014), entender a autoficção e sua ligação com o espaço cibernético enquanto show ou espetáculo seria a melhor forma de fruição de todas as possibilidades que essa obra pode representar e trazer.

Pedro Ivo Macedo, em texto publicado no blog do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (2019), aponta mais uma definição para autoficção, que bem se adapta ao viés da discussão deste trabalho. Para o autor, a autoficção designa

(...) o texto narrativo em que o autor é o personagem principal, mas é também um texto estritamente ficcional, em que os eventos narrados são produtos da imaginação do seu criador. (...) Autoficção seria basicamente isso: um texto literário em que o autor se coloca como o personagem principal de eventos que ele nunca viveu, mas de cuja ação é o sujeito. (MACEDO, 2019)

O autor ainda mostra alguns outros exemplos de obras de autoficção no Brasil em que são utilizadas diferentes estratégias de ficcionalização da vida de seu

produtor: obras distintas de escritores como João Gilberto Noll (*Berkeley em Bellagio, Lorde*), Cristóvão Tezza (*O filho eterno*), Julian Fuks (*A resistência*), Luiz Ruffato (*De mim já nem se lembra*), Ricardo Lísias (*Divórcio, Delegado Tobias*) entre tantas outras positivamente recepcionadas em premiações e nos novos estudos acadêmicos.

O debate sobre a autorreferencialidade nas obras literárias não está circunscrito ao conceito de autoficção. Há uma vertente de estudos literários que trata sobre a literatura pós-autônoma. De acordo com Josefina Ludmer (2007) as

literaturas pós-autônomas (essas práticas literárias territoriais do cotidiano) se fundariam em dois (repetidos, evidentes) postulados sobre o mundo de hoje. O primeiro é que todo o cultural (e literário) é econômico e todo o econômico é cultural (e literário). E o segundo postulado dessas escrituras seria que a realidade (se pensada a partir os meios que a constituiriam constantemente) é ficção e que a ficção é a realidade. (LUDMER, 2007, p.2)

Ludmer afirma, também, que os pontos da autonomia para a literatura foram a especificidade e a auto-referencialidade. Entretanto, essa característica é superada em se tratando de alguns tipos de textos que passaram a circular na contemporaneidade (dos anos 2000 em diante, basicamente) pois neles e para elas há uma mistura das esferas política, econômica e social. “A realidadeficção da imaginação pública as contém e as funde.” (p.3)

A discussão da pós- autonomia se dá, então, baseada “em algumas escrituras do presente que atravessaram a fronteira literária (e que chamamos pós-autônomas). (Nelas) se pode ver nitidamente o processo de perda da autonomia da literatura e as transformações que produzem (p.3). Através dessa perda Ludmer defende, então, que as obras não podem mais ser lidas e categorizadas como antes, uma vez que agora o literário pode transitar entre várias categorias e até mesmo a noção de campo literário deveria ser repensada. O foco dessa pesquisa não se encontra exatamente nessa vertente de estudos literários porém é interessante ressaltar que há uma forma distinta de entender tópicos que aqui são apresentados com relação à literatura.

Assim, levando em consideração a discussão já feita, apresento a obra *Delegado Tobias*.

## 2.2 Delegado Tobias

Atualmente, há uma gama de livros digitais publicados. Fabrício Carpinejar, por exemplo, tem alguns livros lançados e pensados no formato digital, como *Para onde vai o amor* e *Deixa a criança ser tímida*.

No caso de *Delegado Tobias* (2014), entendo que a série de *e-books* foi pensada já para publicação no formato de suporte digital, assim como a Internet foi usada também para criação de algumas partes do livro, nas quais *e-mails* e comentários de redes sociais foram incluídos nas páginas da obra. O livro conta a história do assassinato do personagem Ricardo Lísias e o processo da investigação do crime comandada pelo Delegado Tobias, o qual originou o nome da obra de autoficção. Os livros são, em ordem de publicação: *Delegado Tobias 1 - o assassinato do autor*; *Delegado Tobias 2 - Delegado Tobias e Delegado Jeremias*; *Delegado Tobias 3 - o começo da fama*; *Delegado Tobias 4 - Caso Lísias é realidade* e, por fim, *Delegado Tobias 5 - os documentos do inquérito*.

Um dos fatos que causou repercussão, inclusive nas esferas de mídias sociais, é que o autor Ricardo Lísias, após a publicação dos *e-books*, foi investigado por falsificação de documentos. Um grupo de pessoas apresentou à Procuradoria Geral da República algumas das imagens de documentação jurídica presentes no processo de inquérito do livro, mas sem mencionar que faziam parte da obra literária. A Polícia Federal acabou por instaurar um inquérito (de número 0069/2015-1) para apuração da denúncia. Ricardo Lísias escreveu um texto para a *Revista Continente*, em dezembro de 2017:

Em 2014, publiquei uma série de cinco *e-books*, com estrutura de folhetim, cuja narrativa, além de texto, trazia imagens, correspondências oficiais, *e-mails* e documentos de um processo jurídico fictício. O experimento, que chamei de *Delegado Tobias*, continha ainda uma extensão nas redes sociais. Eu e a editora abrimos um perfil do delegado no *Facebook*, adicionamos uma série de pessoas e, depois de lançar o primeiro *e-book*, fizemos a narrativa continuar em tempo real na internet. (LÍSIAS, 2017)

Percebe-se que, para a construção de uma parte da história, o autor aproveitou a interação que a Internet possibilita e seguiu construindo a narrativa de sua autoficção utilizando-se de comentários selecionados e da repercussão do perfil do delegado no *Facebook*. Tratando de um contexto muito diverso da vida *online* e de um espaço

citacional diferente da internet, Antoine Compagnon (2007) falava sobre as citações como um processo de copiar e colar, como um amálgama que junta diferentes informações e processos heterogêneos. Ricardo Lísias usa desse procedimento, guardadas as devidas adaptações para o século XXI, na construção de suas obras e de seu personagem Ricardo Lísias. Para Antoine Compagnon (2007, p.36), “o amálgama, na citação de duas manipulações e do objeto manipulado tem por efeito tornar natural um procedimento inteiramente cultural. Ele subsume as manipulações sob o objeto, mascara-as atrás de si”. Dessa forma, esse processo feito pelo autor também tem ligação direta com a autoficção em si como gênero literário, suas definições e limitações.

Na discussão de gênero e subgênero, *Delegado Tobias* é considerado um romance policial: um romance que apresenta um crime e uma investigação que acompanha a narrativa da obra.

No livro 1, *Delegado Tobias - o assassinato do autor*, a história começa com um pedaço de uma notícia de jornal anunciando a morte de Ricardo Lísias. Logo após, começa um entrelaçamento de vários textos: o texto se divide em fragmentos da notícia da morte e um diálogo entre Dofão e Lucão comentando o acontecido. Essas duas partes se misturam na leitura. Não há títulos ou subtítulos, sequer marcação de páginas de um sumário (vale lembrar que nos formatos digitais não há número de páginas e sim a posição com relação ao tamanho da obra) para auxiliar no entendimento nesse primeiro momento. É preciso um pouco mais de atenção para entender o formato da mesclagem feita pelo autor nesse livro.

Em seguida, entra também um e-mail de um Ricardo Lísias para outro Ricardo Lísias reivindicando a autoria de alguma história, que não é explicada ainda. Conforme o livro vai sendo lido, o cruzamento dos textos aumenta: a notícia mostra mais detalhes da investigação de como ocorreu o assassinato, a conversa entre Dofão e Lucão dá indícios de que há envolvimento da parte deles no crime, aparece um trecho do depoimento de alguém, por fim, uma outra notícia da professora Leyla Perrone - Moisés por desacato à autoridade. E assim acaba o livro 1.

A newspaper clipping with a bold headline. The text is in large, black, sans-serif capital letters. The headline reads: "O ESCRITOR RICARDO LÍSIAS É ENCONTRAD". The background is a light gray, textured surface, possibly representing a newspaper page.

# O ESCRITOR RICARDO LÍSIAS É ENCONTRAD

Imagem 7. primeira imagem, posição 2 de 107 do livro 1 de Delegado Tobias.  
Fonte: LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4, 5. São Paulo: E-Galáxia, 2014.

No livro 2, *Delegado Tobias & Delegado Jeremias*, a construção ocorre da mesma forma que no livro 1: através do entrelaçamento de fragmentos do texto. A primeira posição do livro mostra um pedaço da notícia do caso Leila Perrone - Moisés falando sobre um *habeas corpus*. Logo em seguida, mais um pedaço da conversa de Dofão e Lucão. Nessa altura, começam a ser apresentados os documentos que tramitaram na investigação, como por exemplo, um pedido de *habeas corpus*, alguma resolução do poder judiciário sobre a compreensão de autoficção e um atestado médico. O texto segue sendo intercalado com os diálogos, documentos e os trechos das notícias. Porém, nesse livro, há também um trecho de uma entrevista dada pelo Delegado Jeremias - que foi colocada como um recorte de uma revista e um *post* do *Facebook*.





PODER JUDICIÁRIO  
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

RELATOR : JUÍZA MARINEIDE RAMOS DA HORTA JUNIOR  
IMPETRANTE : LEONARDO DA ANUNCIÇÃO FREIRE E SANTOS  
PACIENTES : LEYLA PERRONE MOISÉS E FÁBIO DE SOUSA ANDRADE  
IMPETRADO : MM JUIZO FEDERAL DA 1 VARA CRIMINAL DE SÃO PAULO

EMENTA

PENAL. HABEAS CORPUS. CÂRCERE DESNECESSÁRIO EM CASO DÚBIO. PACIENTES COM ENDEREÇO CERTO. PACIENTES SEM ANTECEDENTES.

1. Foram encarcerados por desacato Leyla Perrone-Moisés e Fábio de Sousa Andrade depois de alegadamente terem zombado de uma pergunta da autoridade policial sobre literatura policial e em seguida terem uma crise de gargalhadas dentro do interior da delegacia policial.

2. Alega-se que a prisão faz parte de um contexto de autoficção e portanto não pode existir senão no interior do ebook "Delegado Tobias" do autor Ricardo Lísius. Alega-se ademais que o autor estaria morto no interior do livro e vivo para escrever o livro, o que outrossim descaracterizaria a necessidade de prisão dos pacientes, já que eles desacatarem apenas no interior do citado ebook, o que descaracteriza o desacato fora dele.

3. Por fim, argumenta-se que a prisão está baseada em um imbróglio por demais confuso, o que exigirá tempo de solução, estando portanto os presos sem certeza da existência do ato criminal.

ACORDÃO

MARINEIDE RAMOS DA HORTA JUNIOR  
Juíza Relatora

ACORDÃO PUBLICADO  
NO D. J. U. DE

ACORDÃO PUBLICADO  
NO D. J. U. DE

Imagem 8. Habeas Corpus de Leyla Perrone Moisés.

Fonte: LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4, 5. São Paulo: E-Galáxia, 2014.

No livro 3, *Delegado Tobias - o começo da fama*, a novidade com relação ao entrelaçamento de tipos de texto é a apresentação de uma carta convite de uma universidade, fotos de pessoas, livros, fotos de reportagens de revistas com um post de *Facebook*, mas dessa vez com os nomes de quem fez comentários na publicação.

O advogado do senhor Paulo Tobias, porém, argumenta em sua contestação que a própria jornalista apontou a nota como falsa em uma rede social:



Imagem 9. Livro 3, posição 54. Trecho de reportagem extraída do livro.  
 Fonte: LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4, 5. São Paulo: E-Galáxia, 2014. O livro

O livro 4, *Delegado Tobias - O caso Lísias é realidade* é totalmente em branco.

DELEGADO TOBIAS 4 CASO LISIAS É REALIDADE (PORTUGUESE EDITION)

Posição 13

Imagem 10. Posição 13 do livro 4. Página em branco.  
 Fonte: LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias*. São Paulo: E-Galáxia, 2014.

Por fim, o livro 5, *Delegado Tobias - os documentos do inquérito*, é a reunião da maior parte do conteúdo utilizado na publicação dos outros quatro livros. De acordo com Ricardo Lísias, em outubro de 2014, no início desse livro:

Depois que a primeira das quatro partes do e-folhetim, *Delegado Tobias*, foi lançada, iniciamos uma espécie de extensão do texto em uma rede social. Um perfil do delegado foi criado no *Facebook* enquanto eu e os editores, nas próprias páginas pessoais, lançávamos um material que dialogava com o e-book. Eram notícias falsas em recortes de jornal e revista, cartazes e inclusive a simulação de peças jurídicas de um hipotético processo que a personagem teria iniciado para proibir o e-book. Com isso, os leitores passaram a interagir com o texto, o que nos ofereceu a possibilidade de continuar a narrativa usando as intervenções dos leitores. Em momento algum fizemos “consultas” para decidir qual caminho a história seguiria. As manifestações externas aos e-books na verdade seriam incorporadas como se fossem, elas mesmas, personagens. O auge sem dúvida se deu com a divulgação de uma decisão jurídica falsa que teria proibido a continuidade do e-folhetim. Foram poucos os leitores que, em um primeiro momento, perceberam que na verdade se tratava de uma extensão do e-book em outro suporte, ainda que em momento algum tenhamos escondido que o delegado era invenção nossa. Aqui, reunimos a maior parte do material que circulou no *Facebook*, atendendo inclusive ao pedido de alguns pesquisadores. O fato de essa documentação se tornar um arquivo não quer dizer evidentemente que não possa, em outra hora, virar outra vez uma obra viva: agora até um museu sai do lugar. (LÍSIAS, 2014)



Imagem 11. Uma das imagens do inquérito.  
LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4,5. São Paulo: E-Galáxia, 2014.

A interação com as redes sociais na plataforma da Internet é um ponto que merece discussão. Essa interação afetou tanto a obra em si como a forma que ela foi recebida pelos leitores e público em geral. Uma parte da obra foi construída com a contribuição dos leitores nas redes sociais, como já foi acima referido. Além disso, a interação com a Internet também afetou a própria estrutura do texto, que não segue uma forma linear de apresentação de ideias. Com a extensão do *e-book* sendo feita através do suporte das redes sociais, a forma de apresentação de ideias tornou-se mais entrecruzada e colaborativa. A forma de publicação dos e-books é também outro fator a ser analisado, pois livros foram lançados de forma episódica e a estratégia de lançar um a um possibilita acompanhar a repercussão da obra, e no caso de *Delegado Tobias*, foi primordial para estabelecer a relação de interação obra literária e Internet.

Entretanto, há um fato extremamente interessante (e o que me levou a escolher essa obra como objeto de estudo): o autor Ricardo Lísias foi investigado pelo Ministério Público Federal (MPF) por falsificação e uso de documento público falso. Conforme apresentado anteriormente, os *e-books* trazem alguns documentos fictícios

de decisões judiciais, como o *habeas corpus* e também uma liminar emitida pelo juiz Lucas Valverde do Amaral Rocha e Silva, um personagem fictício, que determinava a proibição do livro e do uso do termo autoficção.

Na história dos *e-books*, de forma resumida, o Delegado Tobias investiga a morte de Ricardo Lísias personagem e acusa o Ricardo Lísias autor de usar de uma investigação policial para fazer literatura e daí então surgiram os documentos que levaram à denúncia. Três leitores não entenderam que essa liminar se tratava de autoficção e enviaram ao Ministério Público Federal pelo *Facebook* afirmando ser um documento falso. De acordo com matéria veiculada pelo site *Época*, Lísias prestou depoimento no dia 20 de outubro de 2015, levando seu advogado e os cinco volumes de *Delegado Tobias* impressos em papel. Ainda de acordo com a reportagem do site: “No dia 6 de abril, o MPF pediu o arquivamento do inquérito que investiga os documentos supostamente falsos de *Delegado Tobias*. [“Não se deve confundir falsificação com ficção”, afirmou, no pedido de arquivamento, o procurador Márcio Schusterschitz da Silva Araújo]”.

Essa investigação levou Ricardo Lísias a lançar, em 2016, pela editora Lote 42, o livro *Inquérito Policial: família Tobias*. Esse livro, em formato impresso, começa com o arquivamento da investigação real do caso *Delegado Tobias*. Então, o enredo passa a ser focado em quem seriam as três pessoas que denunciaram Ricardo Lísias ao MPF. Ele descobre que os denunciantes foram três sócios da própria Editora Lote 42 e aciona a Polícia Federal para investigar a editora.

A denúncia, a investigação pelo MPF e a publicação de *Inquérito (2016)* também são fatores paralelos, mas importantes na interação da Internet com a obra: a Internet foi o suporte que possibilitou o acontecimento desses fatores paralelos e afetou não somente a obra, como o autor e também os leitores. A forma de recepção da obra, a escrita, a estrutura e a publicação do texto estão diretamente ligadas ao suporte digital que se entrelaça com a publicação literária tornando possível a análise aqui apresentada.

Retomando as definições apresentadas sobre autoficção e, em resumo, entendendo que a autoficção é um gênero em que autor e personagem são a mesma figura e protagonizam o enredo ficcional da história, *Delegado Tobias* é um romance autoficcional. A publicação da obra na Internet, que é um espaço de ficcionalização da vida (sem que essa ficção seja necessariamente assumida), foi um espaço propício e importante para Lísias. A autoficção produzida pelo autor extenuou as fronteiras

entre sua vida e ficção. Além disso, essa autoficção presente em *Delegado Tobias* envolveu os leitores a partir do momento que eles passaram a atuar como colaboradores do texto de forma factual e pontual. Assim, o próximo capítulo é focado na recepção de *Delegado Tobias*. O objetivo é pensar de que forma o romance em questão provoca um modo particular de recepção do texto literário. Será que uma obra produzida antes da era digital, como a de Wolfgang Iser, seria capaz de responder a essas questões?

## CAPÍTULO III

### 3.1 Os Vazios em *Delegado Tobias*: Iser e a Leitura Colaborativa da Obra

Wolfgang Iser, em sua obra *The Fictive and the Imaginary: Charting Literary Anthropology* (1993), define que “o texto literário é uma mistura de realidades e ficções e assim traz sobre interação entre o dado e o imaginado.” (p.01). Iser (1993) apresenta a tríade composta pelo real, o ficcional e o imaginário e afirma que “o texto, então, funciona para trazer à tona a interação entre o fictício, o real e o imaginário.” (p.3-4, **tradução nossa**)<sup>4</sup>. Essa tríade é construída tendo como base o ato de ficcionalização porque esse ato

(...) cruza os limites do que é organizado (realidade externa) e do que é convertido a Gestalt (a difusão do imaginário). Isso leva o real ao imaginário e o imaginário ao real, e, dessa maneira, isso condiciona o mundo dado na medida em que é transcodificado, o mundo não-dado é para ser concebido e palavras embaralhadas são feitas para serem acessíveis à experiência do leitor. (ISER, 1993, p.4, **tradução nossa**)<sup>5</sup>

Wolfgang Iser, mesmo tendo no horizonte de suas pesquisas a tradição literária europeia moderna, foi escolhido para essa pesquisa com a intenção de tentar entender se o novo discutido na contemporaneidade é capaz de conversar com o tradicional apresentado por Iser. Logo, as ideias de Iser serão usadas aqui como ponto de partida ao pensar o papel do leitor na obra *Delegado Tobias*. É importante ressaltar também que a internet é um espaço considerado como mais livre e aberto. Assim, a ideia de uma abertura voltada para a leitura é mais radical e por consequência, a internet seria um espaço menos controlado e com menos leis e regras.

Conforme mostrado no capítulo anterior, o leitor exerceu também um papel de colaborador na criação da obra de Ricardo Lísias. Porém, antes de pensar esse fato, é importante lembrar outro conceito de Iser sobre a relação entre leitor e leitura.

Em *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético* (1999), o autor afirma que sendo uma atividade guiada pelo texto, a leitura acopla o processamento do texto com

<sup>4</sup> “The text, then, functions to bring into view the interplay among the fictive, the real and the imaginary”.

<sup>5</sup> “crosses the boundaries of what it organizes (external reality) and of what it converts to a Gestalt (the diffuseness of the imaginary.) It leads the real to the imaginary and the imaginary to the real, and it thus conditions the extent to which a given world is to be transcoded, a non given world is to be conceived, and the reshuffled worlds are to be made accesible to the reader’s experience”.

o leitor; este, por sua vez, é afetado por tal processo. É através da interação que qualquer tipo de processo se dá entre o leitor e o texto. No caso de *Delegado Tobias*, a interação cruzou os limites da leitura e entrou como colaboração para criação de partes da obra.

É interessante, também, pensar como Ricardo Lísias provoca o leitor a interagir com ele. Um dos pontos a ser destacado é a publicação de forma episódica de seus livros nas redes. Essa estratégia possibilita a maior interação com os leitores, uma vez que os leitores têm acesso à trama da história em pedaços e podem criar seus referenciais dentro do limite que é permitido pelo texto e a partir das brechas deixadas. Aqui, então, temos os lugares vazios considerados como elementos constituintes do texto e da leitura por Iser. É nesse lugar que a mágica da interação acontece, pois os vazios podem ser preenchidos.

A publicação de modo episódico também era uma estratégia utilizada para publicação de folhetins no séc XIX. De acordo com Iser (1999) “(...) Os lugares vazios suspendem a conectabilidade, estimulando a atividade de formação de representações do leitor” (p.139) e essa estrutura era aplicada aos folhetins publicados em jornal, que tinham um viés até publicitário: “é preciso atrair um público para o romance e para o respectivo jornal.” (p.139) Iser afirma, também, que até a época da publicação de seu livro, essa experiência era passível de ser repetida, bastando ler os jornais. Ele também aborda que:

(...) o que causa tal diferença é a técnica de corte usada pelo folhetim. Ele produz geralmente uma interrupção quando uma tensão foi criada, tensão que requer soluções, ou quando o leitor quer conhecer o desenlace do que acaba de ler. Cortar ou adiar o suspense é condição elementar da interrupção. O efeito causado pela tensão nos faz imaginar a informação por ora não dada sobre a continuação da trama. Ao levantar perguntas como “o que acontecerá?”, intensificamos nossa participação nos acontecimentos. Dickens era mestre nessa técnica, e seus leitores se tornavam co-autores. (ISER, 1999, p.139-140)

Fazendo um paralelo da afirmação de Iser com o ponto discutido aqui, a publicação episódica de *Delegado Tobias*, que se assemelha ao modo de publicação dos folhetins, é fundamental para favorecer a interação do leitor. Iser até usa o termo “co-autores” para definir os leitores de Dickens devido à grande interação que ocorria.

Entretanto, nesta dissertação, preferi adotar os termos referentes a uma obra colaborativa com relação aos leitores por entender que, no momento, a questão de



autoria na relação autor-leitor não é exatamente o foco do trabalho. Além disso, no que diz respeito às redes — principalmente à internet e às redes sociais— a ideia de colaboração remete ao que atualmente acontece, condição na qual a todo o momento uma informação a mais é adicionada, e então uma rede entrecruzada se forma.

A criação das páginas nas redes sociais pelo autor e pela editora estimulou e deu mais abertura para uma maior interação dos leitores com a obra, a ponto de haver uma participação colaborativa no livro. Nesse ponto, os lugares vazios de Iser podem ser associados à obra, pois “em suma, o lugar vazio induz o leitor a agir no texto.” (p.156)

É importante lembrar que as obras de Iser foram escritas antes da era digital e que a análise deste trabalho busca exatamente fazer o paralelo entre como isso se dava antes e o que pode ser observado agora. Apesar das diferenças de suporte, do tempo e da intensidade da interação (ela acontece de forma mais rápida e com um maior volume de informações), a noção de lugar vazio continua sendo de grande relevância.

A forma que o texto é apresentado nas obras seria um grande primeiro vazio a ser analisado. O texto é disposto em fragmentos: são pedaços de e-mails, notícias, imagens e trechos de diálogos. Ao não fornecer uma ideia completa e linear, o leitor completa esses vazios, essas lacunas para o entendimento da narrativa. Um exemplo da disposição do texto em fragmentos é um trecho de um depoimento apresentado no livro 1. Não é informado quem prestou o depoimento ou a que parte da investigação ele pertence. Há apenas uma frase e abaixo a indicação de que é um depoimento, de acordo com a imagem abaixo:

“– Só a ideia de que Ricardo Lísias pudesse escrever um texto policial já mostra como vocês são despreparados.”  
(Depoimento de

Imagem 12. Depoimento de  
Fonte: LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4,5. São Paulo: E-Galáxia, 2014.

Assim, juntamente à escrita episódica, esses vazios seguem sendo apresentados nos outros livros também, de forma que o leitor preencha as

informações ligando os trechos apresentados em todos os livros para montar o fio narrativo da história.

Os personagens do livro também não são diretamente apresentados. Não sabemos características físicas ou psicológicas, o que normalmente é dado em leituras com estruturas mais lineares. Aos poucos, algumas informações são dadas, por exemplo, no diálogo entre Lucão e Dofão, e depois Astolfo, é possível saber que há o envolvimento com cocaína (a expressão cheira pó aparece várias vezes). Também é possível saber que entre esses três personagens há um pensamento homofóbico, que liga escrever poesia a ser “coisa de viado”.

“-Vai fazer poesia, é?  
 -Aí me livro daqueles processos.  
 -Mas vira viado.  
 - E você acha que tudo isso aí é viado?”  
 (...)  
 - Dofão, isso tudo aí é paia.  
 -Negócio doido.  
 -Além de viado, ainda cheira.  
 -É o pior tipo de viado.” (LÍSIAS, 2014)

A não-apresentação dos personagens também mostra mais um lugar vazio. É dada ao leitor a oportunidade de preencher os espaços vazios, utilizando dos seus recursos que envolvem a tríade do fictício, real e imaginário.

Mas não é apenas nesses momentos o lugar vazio em *Delegado Tobias* pode ser apontado. O livro 4 *Delegado Tobias - O caso Lísias é realidade (2014)* é um livro completamente em branco, que foi lançado logo após a investigação sofrida por Lísias pela Justiça Federal. Uma folha em branco, e nesse caso um livro, é a forma mais tradicional de sugerir que o leitor complete sentidos, assim como a tábula rasa, em branco, a ser preenchida.

É relevante pensar, também, no fato de autor e personagem terem o mesmo nome. A provocação da coincidência entre um e outro surpreende um modelo de leitura mais tradicional que, geralmente, separa autor de personagem e causa uma quebra no texto. Essa quebra poderia, do mesmo modo, ser interpretada como um vazio. O preenchimento dos lugares vazios é a forma mais sensível e menos palpável da interação, se comparada às próximas interações apresentadas.

A partir do livro 2, os leitores começaram a participar de forma mais direta e ativa das obras. Páginas nas redes sociais foram criadas por Ricardo Lísias e pelo

editor de *Delegado Tobias* após o lançamento do livro 1. Assim, mais um lugar vazio foi aberto e os leitores o preencheram agora no suporte virtual. Os comentários e *posts* a respeito da obra, da narrativa e dos personagens feitos pelos leitores tornaram-se parte dos livros. Essa interação fez dos leitores colaboradores na construção do romance policial.

Outra forma interessante da interação com o leitor foi dada através do documento que causou a investigação: a decisão judicial fictícia proíbe Ricardo Lísias e a editora de usarem o termo autoficção, além de proibir as vendas do livro. Determina também o recolhimento dos exemplares não vendidos e a devolução dos já vendidos. A ação, no documento do livro, foi requerida pelo Delegado - personagem Paulo Tobias.

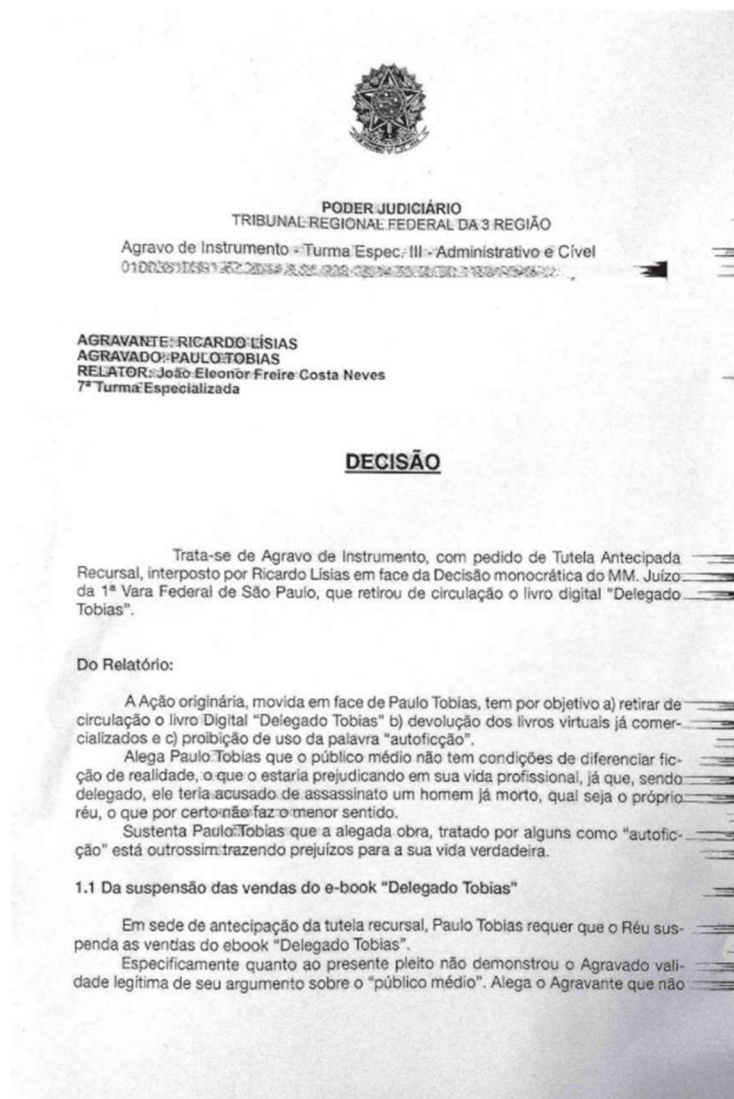


Imagem 13. Documento literário que originou a denúncia à Ricardo Lísias (Parte 1)  
 Fonte: LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4,5. São Paulo: E-Galáxia, 2014.

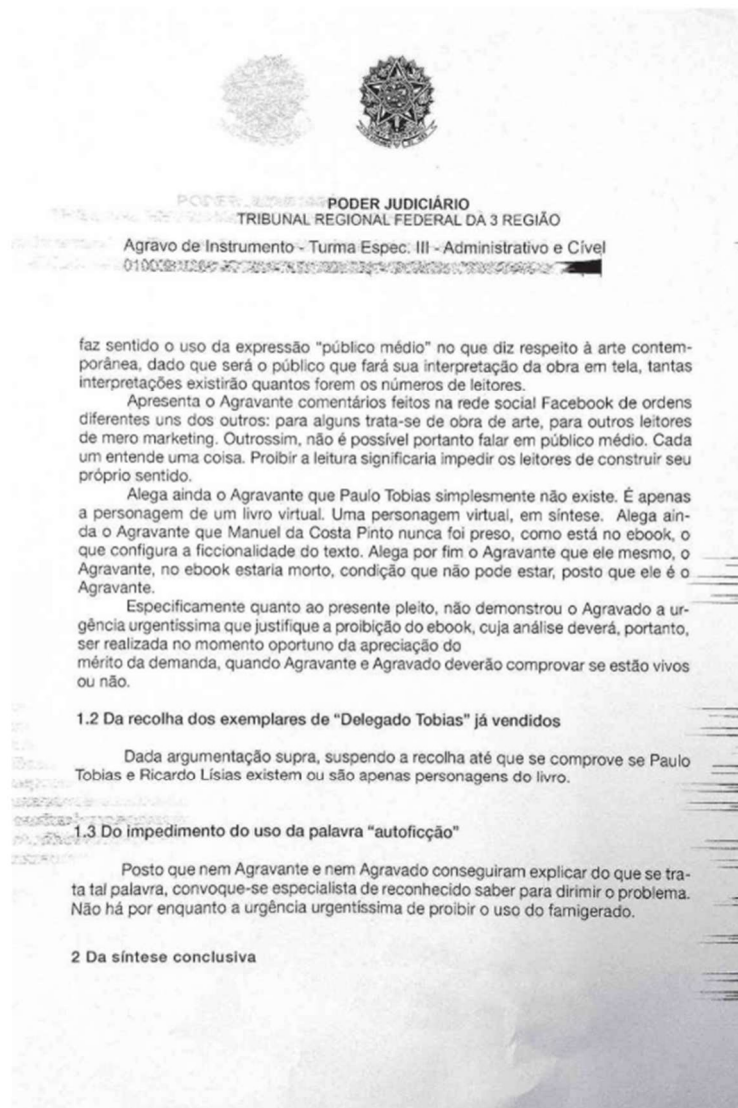


Imagem 14. Documento literário que originou a denúncia à Ricardo Lísias (Parte 2)  
 Fonte: Fonte: LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4,5. São Paulo: E-Galáxia, 2014.

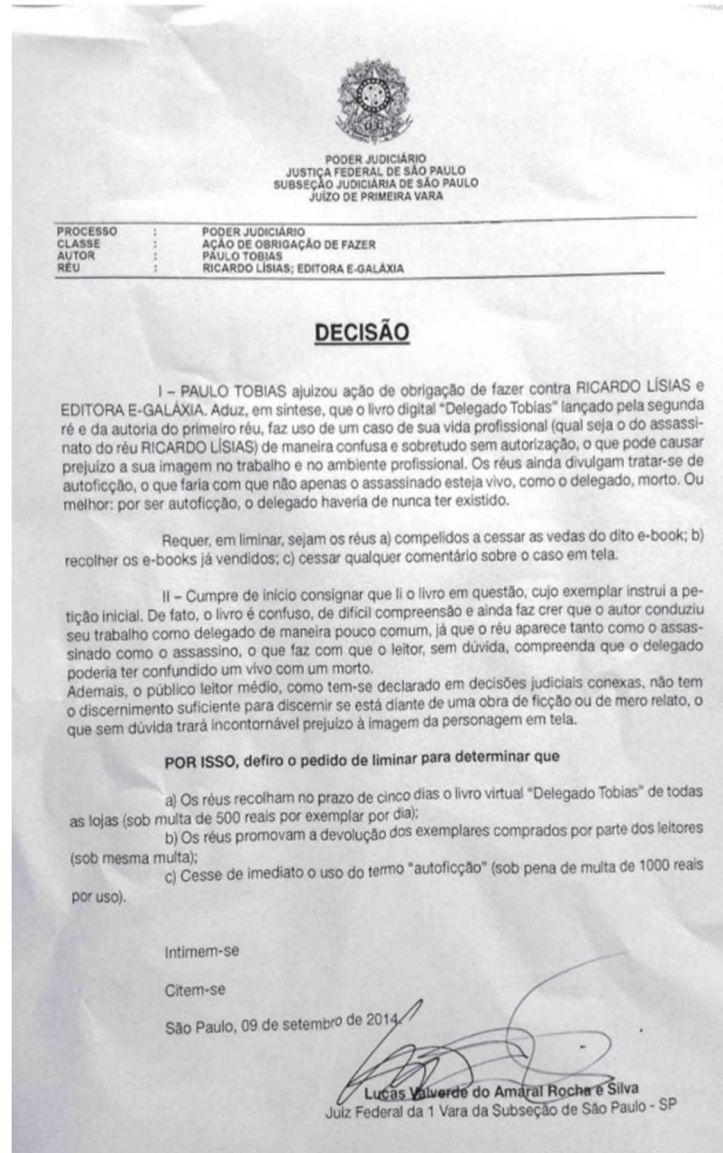


Imagem 15. Documento literário que originou a denúncia à Ricardo Lísias (Parte 3).  
 Fonte: LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4,5. São Paulo: E-Galáxia, 2014.

De acordo com entrevista publicada pelo site *Estadão*, Ricardo Lísias foi investigado por falsificação de documento público e uso de documento público falsificado, crimes previstos nos artigos 297 e 304 do Código Penal e que juntos podem resultar em pena de até doze anos. Para o advogado do autor, Pedro Luiz Bruno de Andrade “o que existe ali não é um documento falso, mas uma peça artística descontextualizada.” (2015)

A notícia da investigação se espalhou de maneira rápida na internet e foi amplamente divulgada nas redes sociais, em portais de notícias e reportagens como o site *Folha UOL*, *O tempo*, *Veja* e também no *Suplemento Pernambuco*.

Em um *post* em seu *Facebook*, Lísias comentou essa repercussão logo que a notícia da investigação viralizou e esclareceu alguns pontos que estavam confusos para quem acompanha seu trabalho. O autor comentou sobre as ligações que recebeu, inclusive de professores universitários se oferecendo para acompanhá-lo no dia do depoimento para a Polícia Federal. Informou quem seriam os advogados do seu caso e disse que a denúncia não se tratava de censura, porém que nem ele mesmo estaria entendendo exatamente do que se tratava.

Após o encerramento da investigação e arquivamento do processo, Ricardo Lísias deu várias entrevistas para sites de notícias e de literatura também. Essa repercussão contribuiu para o aumento das vendas do *e-book*. Na semana de lançamento, de acordo com informações disponíveis no site da Editora *e-galáxia*, o livro se manteve entre os mais vendidos na categoria ficção das lojas *Apple*, *Amazon* e Livraria Cultura e quando a investigação foi noticiada, as vendas do *e-book* voltaram a figurar maiores números.

A emulação do documento que causou a investigação mostra que há uma provocação da capacidade do leitor de distinguir o real do ficcional. Iser afirma que:

(...) o fictício no texto determina e então transgride limites a fim de conceder ao imaginário o nível de concretude necessário para que ele seja efetivo; o efeito é desencadear a necessidade do leitor de fechar o acontecimento e, assim, controlar a experiência do imaginário.<sup>6</sup> (ISER, 1993, p.17, **tradução nossa**)

Uma vez que a provocação foi feita através da ficção, o leitor recorre ao que já é conhecido por ele, ao que entende como o real. É nesse momento que fictício e imaginário passam a interagir e se completam, pois o fictício move o imaginário. Então, há a possibilidade de transgressão dos limites para preencher as lacunas abertas. No caso, é aqui que a capacidade do leitor em distinguir o que é real e o que é ficcional é posta à prova.

A questão da emulação e da denúncia lida também com outro ponto: a capacidade do leitor de ler um texto de uma forma cristalizada e entendê-la sempre como um texto do real. Os leitores que denunciaram não conseguiram fazer, além da

---

<sup>6</sup> In the same way, the fictive in the text sets and then transgresses boundaries in order to endow the imaginary with that degree of concreteness necessary for it to be effective; the effect is to trigger the reader's need to close the event and thus to master the experience of the imaginary.

transposição do suporte, a transferência de sentidos que um texto utilizado comumente em um formato do real (a decisão judicial, o *habeas corpus*) adquire quando é deslocado para a ficção. No deslocamento do real para o ficcional há uma provocação do próprio imaginário sobre o valor real da palavra.

### 3.2 Ficcionalização e Redes

Considerando o entendimento sobre ficcionalização apresentado, anteriormente, sob o viés da literatura e a confusão entre real e ficcional que levou à interpelação judicial de Ricardo Lísias, é momento de sair do espaço literário para o espaço das redes. Sabemos que no espaço das redes a informação é muito mais veloz. Em segundos uma foto postada pode ter muitos *likes*, assim como uma informação torna-se praticamente global. Seria, então, o espaço das redes a ficcionalização da vida privada ou a hiperexposição do real?

Vale retomar, neste momento, Paula Sibilia em *O show do eu - A intimidade como exposição* (2016). Sibilia trata sobre as performances de si feitas nas redes sociais. Para a autora, o que se busca exibir ao se exibir nas redes hoje é

(...) seduzir, agradar, provocar, ostentar, demonstrar aos outros — ou a alguém particular — quanto se é belo e feliz, mesmo que todos estejam a par de uma obviedade: tudo que se mostra nessas vitrines costuma ser uma versão “otimizada” das próprias vidas. Nessa performance de si, cada usuário faz uma cuidadosa curadoria do próprio perfil visando a obter os melhores efeitos na maior audiência possível. (SIBILIA, 2016, p.42)

Além disso, a autora também discute o que chama de práticas confessionais, porque através delas qualquer pessoa pode dar um testemunho cotidiano de quem se é de forma pública. Sobre as práticas confessionais e a exposição do eu na vida privada, Paula Sibilia afirma que:

(...) milhões de usuários de todo o planeta - gente considerada comum, como *eu* ou *você* - têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis online, que não cessam de se expandirem, e as utilizam para expor publicamente aquilo que algum tempo atrás teria sido protegido por fazer parte da intimidade. Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de vidas privadas que se oferecem

despudoradamente aos olhares do mundo inteiro. (SIBILIA, 2016, p.52)

Responder a pergunta feita acima envolve muitas subjetividades por se tratar sempre do *eu* indivíduo, do *eu* que (em tese) tem o controle de sua vida e escolhe qual parte dela pode ou será disponibilizada no espaço das redes. A linha entre a ficcionalização da vida privada e a hiperexposição do real é muito tênue. Entretanto, há algo sobre o espaço das redes que não pode ser negado: é esse espaço, com todas as suas possibilidades e entrelaçamentos, que permite e é o suporte para a ficcionalização da vida privada ou a exposição do real e do que é público ou passa a sê-lo dessa forma. Assim, a ficcionalização de si torna-se possível nesse espaço também, pois ele é propício para que imagens fictícias da vida real sejam criadas.

Até esse ponto do trabalho, já sabemos que o espaço das redes é um suporte para e de acesso à informação, compartilhamento de dados e exposição da vida pessoal. Mas será que esse espaço das redes favorece o jogo da ficção no que diz respeito à literatura?

O jogo da ficção já carrega seu próprio leque de possibilidades que permite que tanto o autor quanto o leitor tracem caminhos imaginativos dentro do real ou caminhos reais dentro do imaginativo. As máscaras são um exemplo. Na ficção, o autor pode usar das máscaras para selecionar o que quer tornar disponível - o que quer escrever, dar visibilidade ou compartilhar. Também pode com e através das máscaras tornar-se, além de autor, personagem, como é o caso da autoficção. Em *Delegado Tobias*, o jogo da ficção, o uso das máscaras e, assim, a autoficção, acontecem no espaço cibernético pelo suporte digital que a internet possibilita.

Ricardo Lísias também utiliza-se das estratégias acima citadas em sua obra digital mais recente, *Diário da catástrofe brasileira* (2009). O primeiro volume foi publicado em 2018 após as eleições presidenciais. O autor escreve, de fato, um diário comentando os acontecimentos no Brasil e depois reúne as anotações e publica de forma independente em volumes com alguma periodicidade. A divulgação das publicações é feita pelas redes sociais do autor.





Imagem 16. Tuíte fixado no perfil de Ricardo Lísias

Fonte: LÍSIAS, Ricardo. “Para tentar compreender o que aconteceu com o Brasil vou redigir durante todo o governo da catástrofe em “diário” e publicá-lo periodicamente. Os dois primeiros volumes já estão circulando”. 15 de mar de 2019. Tweeter: (@ricardolisias).

Perfil do *Twitter* do autor atualizado em 15 de março. O tuíte fixado, que fica em destaque, é a divulgação de *Diário da catástrofe brasileira* e contém o *link* para compra do *e-book*.

Até o momento da conclusão da escrita desta dissertação (julho de 2019), o autor lançou três volumes da obra: *Diário da catástrofe brasileira I - transição*, que teve cinco versões; *Diário da catástrofe brasileira II - a pulsão de morte no poder*, que teve três versões e *Diário da catástrofe brasileira III - o nazifascismo se consolida*, até agora com apenas uma versão.

Os *e-books* são vendidos na plataforma online da *Amazon* e o leitor que desejar comprar os livros paga uma única vez por volume. Para receber as atualizações das versões, o leitor deve solicitar à *Amazon*, através de um passo a passo explicado pelo próprio Lísias na página de descrição do *e-book*:

As instruções para isso são as seguintes:

- a) Entrar em Amazon.com.br;
  - b) No rodapé da página, clicar em "Ajuda" > "Precisa de mais ajuda?" > "Fale Conosco";
  - c) No item 3, escolher como gostaria de falar: "Chat" ou "Telefone".
- Assim que você estiver no chat (acho melhor essa opção do que o telefone) escreva algo parecido com o seguinte: "solicito a atualização do meu ebook 'Diário da catástrofe brasileira'. Faço a minha solicitação consciente de que com isso perderei as notas que fiz e possivelmente algum conteúdo. Mas essa é minha vontade."

Imagem 17. Passo a passo para receber as atualizações de *Diário da catástrofe brasileira*.  
Fonte: AMAZON. *Diário da catástrofe brasileira I - transição (5ª versão) eBook Kindle*.

Esse passo a passo foi desenvolvido e divulgado após Lísias ter problemas com o suporte digital da publicação dos *e-books* por causa das atualizações. A medida encontrada para que cada nova atualização não fosse cobrada novamente foi a descrita acima: entrar em contato com o suporte da *Amazon* solicitando as novas versões e declarando ciência sobre a perda de anotações ou conteúdos da versão anterior.

### 3.3 Delegado Tobias: Outros Questionamentos

*Delegado Tobias* é um texto autoficcional que proporcionou várias formas de interação, principalmente a interação do autor com os leitores pelas redes desde a plataforma de suporte digital na qual os ebooks foram postados, passando pelas redes sociais ligadas ao romance de diversas formas, até a denúncia do documento judicial-ficcional e sua repercussão. Após essas discussões feitas, é momento de pensar outras questões voltadas para a análise do texto *Delegado Tobias*.

O que caracteriza uma obra como autoficção, de acordo com a definição de Phillippe Lejeune, apresentada neste trabalho a partir do texto de Pedro Ivo Macedo (2019), é a utilização do nome próprio do autor no personagem principal. Além disso, os acontecimentos que envolvem o personagem são puramente ficcionais. Não há, portanto, realidade no enredo da história, apesar de outros personagens terem nomes de pessoas reais. No enredo de *Delegado Tobias*, o escritor Ricardo Lísias foi assassinado e a investigação acontece em torno desse ocorrido, entretanto, o Lísias real não foi assassinado. (Por uma grande ironia, no dito *a vida imita a arte*, Lísias foi investigado também na vida real).

A interação com as redes também afetou o enredo do texto. Enquanto a trama da história do romance policial era construída pelo autor, os leitores a construíam

também do outro lado da tela. Assim, os lugares vazios também puderam ser preenchidos. Entretanto, ainda há vazios que permaneceram no texto. O livro 4, que tem todas as páginas em branco, é um exemplo. A fragmentação do texto, propositalmente feita pelo autor, proporciona os vazios que permanecem no texto. Eles sempre precisarão de um leitor para serem preenchidos.

O enredo é a rede que possibilita conectar todas as questões acima discutidas, e é através de sua análise que as respostas podem ser apontadas. *Delegado Tobias* é uma obra de autoficção publicada em suporte digital que possibilita a interação e o preenchimento dos vazios pelos leitores. Olhar *Delegado Tobias* pelo viés aqui apresentado é construir um enredo próprio de análises, perguntas e respostas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se entende como uma rede em Castells é um sistema de comunicação digital cada vez mais universal cujo símbolo principal das ligações desse sistema é a internet. Atualmente, a rede segue tendo como principal representante a internet.

O espaço ocupado pela internet, apesar de não ser exatamente físico, é grande e importante na sociedade do século XXI. Por causa da internet novas formas de lidar com as informações foram criadas e, então, mais possibilidades de comunicação surgiram.

As redes sociais são fruto direto da expansão e maior acessibilidade à internet. De e-mails e chats passamos para plataformas que instauraram a troca de mensagens online, tanto escritas quanto de áudio além de imagens. Aplicativos também foram desenvolvidos, facilitando o uso dessas redes em aparelhos portáteis, como smartphones e tablets.

Dessa forma, novos suportes também foram desenvolvidos. Antes, a única plataforma de leitura possível, por exemplo, era a impressa. Hoje as plataformas digitais para publicação de livros online são possíveis e mais acessíveis do que quando foram criadas. É possível ter acesso aos livros digitais pelo celular, computador, tablets e dispositivos criados com a finalidade de leitura digital, como o *kindle*.

É importante lembrar que essa mesma rede, devido ao seu formato de grande alcance e rapidez nas informações, abriu possibilidades para que fosse usada com um viés político. As relações de poder mostradas e que acontecem na internet também são um reflexo de como essas mesmas relações se dão na sociedade. A internet faz parte da sociedade, inclusive na confluência entre mundo digital e real.

No entrecruzamento dos dois mundos, a literatura ganha destaque. Havia um receio no mundo literário que essa ligação dos dois mundos fizesse o livro físico, de papel perder espaço e também o seu valor. Porém, o que pode ser observado é que ambos suportes, digital e impresso, se mantêm e preservam, cada qual nas suas especificidades. Assim, a conexão e existência da literatura nas redes mostra grandes potencialidades como forma de transformar as relações entre autor, leitor e texto.

A autoficção no meio digital é um bom exemplo das potencialidades da relação literatura e redes. A autoficção se beneficia da plataforma digital não apenas enquanto

suporte mas também por proporcionar uma interação mais direta com os leitores. As redes sociais favoreceram o fenômeno da autoficção quando possibilitaram a aproximação real de leitores e autores.

Nesse momento, então, Ricardo Lísias usou as redes e a internet como aliadas para sua ficção, movimentando e até confundindo a separação já existente entre leitor e obra. Ao conectar leitor, obra e internet, em *Delegado Tobias*, o leitor além de interagir passou a colaborar com a criação da obra.

*Delegado Tobias* se caracteriza como um romance policial. Uma obra com as características de *Delegado Tobias* — autoficção, romance policial e publicada de forma episódica em formato digital — alterou a relação da própria obra com a sua recepção. Essas características possibilitaram que os vazios presentes não fossem apenas preenchidos como também materializados.

A escrita em fragmentos, a publicação por partes, a confusão entre autor e personagem com os mesmos nomes e também um livro completamente em branco são fatores que demonstram a relação de completude pelo leitor desses vazios. Além disso, a permeabilidade da obra à interferência dos leitores aponta muito bem como esse formato influenciou na recepção, tendo em vista que uma parte de *Delegado Tobias* foi deslocada do campo da literatura por alguns leitores através de uma denúncia de falsificação de documentos para a justiça brasileira.

O espaço da internet é um espaço propício para mais suposições e exposições, seja de si ou de outro. A literatura em si e por si já é uma rede de conexões aberta a muitas possibilidades. Uma vez que literatura e internet são atreladas para estabelecer ligações, é possível enxergar conexões que vão além do espaço digital e *Delegado Tobias* é um exemplo de como o mundo literário e o mundo digital podem ser conectados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Paulo. *Whatsapp banido: app bloqueia milhares de contas em período eleitoral*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/10/whatsapp-banido-app-bloqueia-milhares-de-contas-em-periodo-eleitoral.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2019.

ALVES, Paulo. *Whatsapp supera o facebook e é o aplicativo mais popular do mundo*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/01/whatsapp-supera-o-facebook-e-e-o-aplicativo-mais-popular-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2019.

AMAZON. *Diário da catástrofe brasileira I - transição (5ª versão) eBook Kindle*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Diário-catástrofe-brasileira-transição-versão-ebook/dp/B07LBCSFDS>. Acesso em: 01 ago. 2019.

AVERBUCK, Clara. "Dramas Pessoais". 22 de junho. Tweeter: (@claraaverbuck). Disponível em: [https://twitter.com/claraaverbuck?ref\\_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor](https://twitter.com/claraaverbuck?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor). Acesso em: 22 jun. 2019.

AVERBUCK, Clara. *Brasileira!preta*. Disponível em: <http://brazileirapreta.blogspot.com/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

AZEVEDO, Luciene Almeida de. *Autoficção e literatura contemporânea*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, p. 31-49, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 1. ed. São Paulo: Editorial Presença, 1996.

BROCA, Brito. *A vida literária no brasil 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

BUCHER, Birgit. *Estatística mundial de usuários do whatsapp, wechat e outros aplicativos de mensagem*. Disponível em: <https://www.messengerpeople.com/pt-br/estatistica-mundial-de-usuarios-do-whatsapp-wechat-e-outros-aplicativos-de-mensagem/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

CARDOSO. *COL cardosonline, franzine por e-mail*. Disponível em: <http://www.qualquer.org/col/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

CARPINEJAR, Fabrício. (@carpinejar). Facebook: usuário Facebook. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/carpinejar/>. Acesso em: 22 jun 2019.

CARPINEJAR, Fabrício. (@fabriciocarpinejar). Instagram: usuário Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/fabriciocarpinejar/>. Acesso em: 22 jun 2019.

CARPINEJAR, Fabrício. *Perfil*. Disponível em: <http://carpinejar.blogspot.com/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação*. Tradução de Roneide Venancio Majer. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani. *O Livro nos Tempos de #Likes: Transfigurações na Literatura Brasileira Contemporânea*. 2018. 240 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

COMPAGNON, Antonie. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DÂMASO, Livia. *Baixar o whatsapp Messenger, aplicativo para celular que se tornou um fenômeno no Brasil*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/whatsapp-messenger.html>. Acesso em: 29 jun. 2019.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Galilée, 1977.

DUARTE, Elaine Cristina Carvalho. *Novos paradigmas da literatura: uma leitura sobre poesia na era do texto digital* 2015. 238 f. Tese (Doutorado) - Universidade De Brasília, Brasília, 2015.

GABRIEL, Ruan de Sousa. *Acusado de falsificar documento, autor transforma sua história em livro e peça teatral*. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/05/acusado-de-falsificar-documento-autor-transforma-sua-historia-em-livro-e-peca-teatral.html>. Acesso em 23 jun. 2019.

GALERA, Daniel. "Revelamos um rolo de filme do inverno passado. Esses somos nós." 18 de junho. Tweeter: (@ranchocarne). Disponível em: [https://twitter.com/ranchocarne?ref\\_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Cwgr%5Eauthor](https://twitter.com/ranchocarne?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Cwgr%5Eauthor). Acesso em: 22 jun. 2019.

GALERA, Daniel. *Paio! Literário*. Rascunho ed #148. Agosto de 2012. Disponível em: <http://rascunho.com.br/daniel-galera>. Acesso em: 22 jun. 2019.

GALERA, Daniel. *Ranchocarne.org*. Disponível em: <http://ranchocarne.org/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GARRET, Felipe. *O que é bot? Conheça os robôs que estão 'dominando' a internet*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghtml>. Acesso em: 01 set. 2019.

GASPARINI, Philippe. “Autoficção é nome de quê?”. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 181-221, 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *2017 acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=23205&t=sobre>. Acesso em: 29 jun. 2019.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. v. 2, trad: Johannes Kretschmer, São Paulo: editora 34, 1999.

ISER, Wolfgang. *The fictive and the imaginary: Charting literary anthropology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.

KLEINA, Nilton. *A história do whatsapp, o rei dos mensageiros [vídeo]*. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/dispositivos-moveis/125894-historia-whatsapp-rei-mensageiros-video.htm>. Acesso em: 16 mai. 2019.

KLINGER, Diana. *Escrita de si como performance*. *Revista brasileira de literatura comparada*. v.10, n. 12, p. 11-30, 2008.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÍSIAS, Ricardo. (Ricardo.lisias). “*CARTA ABERTA AOS CURADORES DO PRÊMIO RIO DE LITERATURA*”. 24 de abril. Facebook: usuário Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/ricardo.lisias>. Acesso em: 22 jun. 2019.

LÍSIAS, Ricardo. “*Apresento-lhes um idiota inútil*”. 15 de maio de 2019. Instagram: (@rlisias). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxgCPBjnmyT/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

LÍSIAS, Ricardo. *Inquérito Policial. Família Tobias*. Disponível em: <http://lote42.com.br/inqueritopolicial/>. Acesso em: 23 jun. 2019.

LÍSIAS, Ricardo. *Ninguém de boca fechada*. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/204/ninguem-de-boca-fechada>. Acesso em: 23 jun. 2019.

LÍSIAS, Ricardo. “*Para tentar compreender o que aconteceu com o Brasil vou redigir durante todo o governo da catástrofe em “diário” e publicá-lo periodicamente. Os dois primeiros volumes já estão circulando*”. 15 de mar de 2019. Tweeter: (@ricardolisias). Disponível em: <https://twitter.com/ricardolisias>. Acesso em: 02 ago. 2019.

LÍSIAS, Ricardo. “*Tentando*”. 10 de maio de 2019. Tweeter: (@ricardolisias). Disponível em: <https://twitter.com/ricardolisias>. Acesso em: 22 jun. 2019.

LÍSIAS, Ricardo. *Delegado Tobias* (e-book), v 1, 2, 3, 4,5. São Paulo: E-Galáxia, 2014.



LUDMER, Josefina. *Literaturas pós-autônomas*. SOPRO 20 desterro, janeiro de 2010. Panfleto político-cultural. In: Publicado na Ciberletras – Revista de crítica literária y de cultura, n. 17, junho de 2007.

MACEDO, Pedro Ivo Rocha de. *Defenestração: deslocamento e identidade na obra de Amélie Nothomb*. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Literatura)-Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MACEDO, Pedro Ivo Rocha de. *O que cargas d'água é autoficção?*. Disponível em: <http://gelbcunb.blogspot.com/2019/05/o-que-cargas-dagua-e-autoficcao.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MARQUES, Pablo. *72% dos brasileiros leem notícias nas mídias sociais*. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/72-dos-brasileiros-leem-noticias-nas-midias-sociais/>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MUNARI, Ana Cláudia. *Literatura e internet*. In: XI Semana de Letras- PUCRS, 2011, Porto Alegre, RS. Anais (on-line). Rio Grande do Sul: ediPUCRS. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/anamunari.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

NEGRI, Antonio e HARTDT, Michael. *Multidão: Guerra e democracia na era do Império*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

OLIVEIRA, Felipe. *Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no brasil*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 29 jun. 2019.

PASQUALI, Marina. *Frequency of use of selected mobile messaging apps among smartphone owners in Brazil as of July 2017*. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/798175/brazil-frequency-use-mobile-messaging-apps/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

RECUERO, Raquel. *O que é mídia social?* Disponível em: [http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o\\_que\\_e\\_midia\\_social.html](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o_que_e_midia_social.html). Acesso em: 22 jun. 2019.

REVISTA CONTINENTE. *Ninguém de boca fechada*. Disponível em: <http://www.revistacontinente.com.br/edicoes/204/ninguem-de-boca-fechada>. Acesso em: 12 dez. 2017.

SABOTA, Guilherme. *Livro de Ricardo Lisias leva à instauração de inquérito na Polícia Federal por falsificação de documento*. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,contos-de-ricardo-lisias-levam-a-instauracao-de-inquerito-na-policia-federal-por-falsificacao,1760631>. Acesso em: 01 ago. 2019.

SANTOS, Elizangela Maria dos. *Modos de pensar a literatura e a arte contemporâneas depois da internet'* 2017, 170 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SIBILIA, Paula. *O Show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIEGEL, Rachel. *China decide banir acesso a Wikipédia em todas as línguas*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/china-decide-banir-acesso-a-wikipedia-em-todas-as-linguas.shtml>. Acesso em: 29 jun. 2019.

SOUZA, Marcelo Mendes de. *A formação do ídolo: o escritor em o momento literário e a vida literária no Brasil- 1900*. 2010. 184 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2010.

VENTURA, Felipe. *Whatsapp chega a 1,5 bilhão de usuários*. Disponível em: <https://tecnoblog.net/233494/whatsapp-1-5-bilhao/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

## ANEXOS

As imagens aqui anexadas são *prints* retirados das redes sociais de Ricardo Lísias, com a intenção de mostrar um pouco mais das esferas já apresentadas anteriormente.

### a) Perfil pessoal do autor no *Facebook*



### b) Página do autor no *Facebook*



c) Perfil no *Twitter*

The screenshot shows the Twitter profile of Ricardo Lísias (@ricardolisias). The profile includes a circular profile picture, a header with the name and handle, and statistics: 2,432 Tweets, 300 Seguidos, 1,210 Seguidores, and 1,388 Curtidas. A 'Seguir' button is visible. The main content area shows a tweet from Guga Chaves (@gugachaves) about the election of Doug Jones in Alabama, and a retweet by Donald J. Trump (@realDonaldTrump) with the text: 'The people of Alabama will do the right thing. Doug Jones is Pro-Abortion, wait on Crime, Military and illegal Immigration, Bad for Gun Owners and Veterans and against the WALL, Jones is a Pelosi/Schumer Puppet. Roy Moore will always vote with us. VOTE ROY MOORE!'. The right sidebar features a 'Novo no Twitter?' section with an 'Inscreva-se' button and a 'Você também pode gostar' section with a recommendation for Jose Luiz Passos (@jpassos.com).

d) Perfil do *Instagram*

The screenshot shows the Instagram profile of Ricardo Lísias (@rlisias). The profile includes a circular profile picture, the name 'rlisias', and statistics: 472 publicações, 1.828 seguidores, and seguindo 1.062. The bio reads 'Ricardo Lísias'. The main content area features a grid of posts, including a post with the text 'Juízes têm de compreender melhor a liberdade de expressão' under the heading 'JUSTIÇA', a post with a large group photo, and a post with the text '21ª Jornada de Letras - UFSCar | Conferência de encerramento da 21ª Jornada de Letras'. The right sidebar contains a 'Recomendado' section with a post about 'Justiça e crítica censura à arte' and a 'Lançamento' section with a post about 'Leia capítulo de 'Arruar', que ganhou reedição da Cepe Editora'.

e) Post do *Facebook* de divulgação de um trabalho artístico sobre um de seus livros, *Divórcio*.

 **Ricardo Lísias**  
6 de maio às 23:33 · 🌐

Amigos, não percam a incrível leitura que a atriz Maria Ribeiro está nesse momento fazendo no Instagram do meu romance *Divórcio* (lançado há 5 anos!!).



Instagram Post by Maria Ribeiro · May 6, 2019 at 06:21PM -03  
por instagram.com

 26 1 comentário

f) Tuítes de divulgação de trabalhos no campo literário

 **Ricardo Lísias** @ricardolisias · 11 de mai  
Amigos, procurem na página do jornal Nexo a entrevista em que discuto o *Diário da catástrofe brasileira*. É bom sábado! [instagram.com/p/BxVAvIBnnMy/...](https://instagram.com/p/BxVAvIBnnMy/)

   5

 **Ricardo Lísias** @ricardolisias · 11 de mai  
ENTREVISTA PARA O @NexoJornal

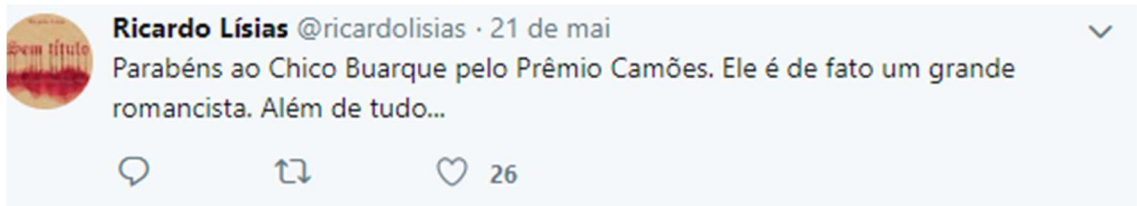
A jornalista Juliana Sayuri, que está fazendo uma excelente cobertura do ataque às universidades, publicou no Nexo uma entrevista sobre o "*Diário da catástrofe brasileira*" e outras coisas.



**As definições de livro foram atualizadas, segundo este escritor**  
Ricardo Lísias fala ao 'Nexo' sobre o novo volume do projeto literário '*Diário da Catástrofe Brasileira*'  
[nexojornal.com.br](http://nexojornal.com.br)

  4  7

g) Tuíte exemplo do Ricardo Lísias pessoa, com gostos e opiniões.



h) Post do autor comentando brevemente sobre a denúncia.



i) Post do Facebook. Lísias autor e escritor, agente do debate no campo literário.



**Ricardo Lisias**

24 de abril · 🌐

**CARTA ABERTA AOS CURADORES DO PRÊMIO RIO DE LITERATURA**

Amigos curadoras e curadores:

antes de tudo peço desculpas por me dirigir dessa forma, mas não achei em lugar nenhum quem seriam vocês. O Google, ao menos para mim, falhou. Como, porém, é um mundo diminuto, tenho certeza de que em quinze minutos já estaremos em contato.

Escrevo para manifestar uma decepção e pedir que vocês reflitam no que vou argumentar. No ano passado, não pude inscrever o "Diário da cadeia - com trechos da obra inédita Impeachment" porque no regulamento o Prêmio Rio solicitava o RG do autor. Não tenho como evidentemente e de boa fé fornecer o RG do Eduardo Cunha (pseudônimo). Na verdade, acho que RG de autor é algo mesmo um pouco ultrapassado...

Agora eu me surpreendi com a notícia de que os senhores não permitem a inscrição de obras que saíram em plataformas de auto publicação.

Infelizmente, a data em que publiquei o "Diário da catástrofe brasileira I - transição" na Amazon não permite que eu o inscreva esse ano. Mas eu pretendo fazer isso o ano que vem - se estivermos aqui até lá, é claro.

Acho que a definição de arte (não sei bem se ainda faz sentido falar só em literatura, mas isso não vem ao caso agora) deve sempre caminhar no sentido da ampliação, e não no da restrição.

A auto publicação não tem evidentemente nada a ver com a importância de uma editora, o que ninguém duvida. É na verdade uma opção formal.

Tenho ainda uma segunda questão: os senhores afirmam no edital que aceitam a inscrição de ebooks, mas que devem ser entregues 12 cópias impressas do e-book inscrito. Se me permitem a observação, isso não tem sentido. Se dá para imprimir, não é um e-book, mas sim um livro impresso, por evidente. Se querem uma versão impressa, na prática os senhores não permitem a inscrição de ebooks...

Dessa forma, peço que os senhores considerem meus argumentos, caso venham a lançar uma nova edição do importante prêmio no ano que vem.

De resto, se quiserem continuar o diálogo, meu email é [rlisias@yahoo.com.br](mailto:rlisias@yahoo.com.br)

Muito obrigado, um abraço, Ricardo Lísias. 24 de abril de 2019.

---